

UC-NRLF



B 5 072 355



Benjamin Mather Woodbridge, Jr.  
San Paulo, 1944.



ALBERTO DE OLIVEIRA

---

# SONETOS

E

POEMAS

*Paul Valentim 1915*  
*Quero*



RIO DE JANEIRO

IMPRENSA DE MOREIRA MAXIMINO & C.

III E 113 RUA DA QUITANDA III E 113

---

1885

Mam

CAN 15/15/2008

PQ  
9697  
C5  
A17  
1885.  
MAIN

MINHA MÃE



# PRIMEIROS POEMAS



LUIZ DELFINO

# A ARVORE

I

« La végétation déploie ses formes les plus majestueuses sous les feux brûlants qui rayonnent du ciel des tropiques...

...Un seul arbre entrelacé de paullinia, de bignonia et de dendrobium, forme un groupe de plantes qui, séparées les unes des autres, suffiraient à couvrir un espace considérable de terrain.

A. HUMBOLDT—*Tableaux de la nature.*

ENTR  
De mil  
Mil or  
Forte. e  
C'roada

A arvor  
Dez leg  
E os can  
Nuvens  
As nuve



I

**E**NTRE verdes festões e entrelaçadas fitas  
De mil varios cipós de espiras infinitas,  
Mil orchídeas em flor, mil flores, —sobranceira,  
Forte, erecta, na altura a basta fronde abrindo,  
C'roada do ouro do sol, aos ventos sacudindo  
A gloriosa cimeira ;

A arvore, abrigo e pouso á aguia real, sorria.  
Dez leguas de em redor o bosque inteiro via,  
E os campos longe, e o val, e os montes longe, tudo;  
Nuvens cortando o ar, e passaros cortando  
As nuvens, e alto o sol, na alta esphera radiando,  
Como fulgente escudo.

Ampli-ondeante a rainha o manto seu na altura  
Abria. Coube ao tempo a rigida armadura  
Vestir-lhe. A intacta fronte, era um cocar guerreiro  
Que a cingia, e o tufão que o diga se era forte,  
Quando o intentou dobrar; do procelloso Norte  
Diga-o o tropel inteiro.

Passaram sem feril-a, esbravejando ás soltas,  
A chuva, o temporal; e das nuvens revoltas  
Alumiou-a, á luz do raio, a tempestade;  
Mas, chegando a manhã, lá estava, ativa e bella,  
Incolume, de pé, zombando da procella,  
Na aria da liberdade.

Então, na sua veleta, em seu maior fastigio,  
Dos bravos corvos do alto ouvia-se o remigio;  
Grandes aguias na luz cruzavam, tenebrosas;  
Emquanto, de echo em echo, um berro immenso atroa  
A selva, e, ouvindo-o, o touro, hispido o pello, arruava  
Nas planicies umbrosas.

---

E que uberrimo seio a toda vida aberto  
Era o seu ! Quanto amor á sombra do deserto,  
Quanto ! quando o raizame ao solo preso, as cimas  
Dava essa arvore á luz, e o orvalho brando, ao vento,  
Via-se a gottejar, de momento em momento,  
Das ramagens opimas !

Giganta e mãe, alteando os hombros, quanta vida  
No ar não fez florescer dos flancos seus nascida !  
Quando a versuda copa, ás virações estranhas,  
Dava ao sol, respirando o mundo ambiente, a quanto  
Ser não nutriu, fecunda, ou preso no seu manto  
Ou nas suas entranhas !

Ia-lhe caule acima, em longos cirrhos, toda  
A hera da floresta, os vegetaes em roda  
Deixando, a ver mais alto o céo, mais livre agora ;  
E o lichen verde, o musgo, o feto, as capillarias,  
E as gynandrias gentis, epiphytas, e as varias  
Bromelias côr da aurora.

Por seus braços afora, em voltas de serpentes,  
Gateando, a suspender as maranhas virentes,  
As bauhinias em flor se alastravam; se abriam  
Os cyclanthos, e ao lado, acompanhando os liames  
Das bignonias, ao sol, em tremulos enxames,  
As abelhas zumbiam.

Filiforme, oscillando, aos pincaros suspensa.  
A trama dos cipós se desatava immensa ;  
Em seu cóllo, não raro, a cobra a fulva escama,  
Com os estos do verão, fez esmaiar, —emquanto  
Tardo passaro estivo, em suspiroso canto,  
Voava de rama em rama.

Não raro, em bando inquieto, as mil variadas plumas  
Viram aves, talvez, alli crescer. E algumas,  
Talvez, entre a expansão trichotoma e sadia  
D'esses ramos, o ninho altivo penduraram,  
E, primeiras da selva, as azas levantaram  
Para saudar o dia.

---

Mais que um seio de amor, um tecto de piedade  
Foi est'arvore. Ao vento, á chuva, á tempestade  
Fugindo, brenha a brenha, e de terror vencido,  
Não raro ao tigre um pouso aqui sorriu, seguro,  
Emquanto atroava o raio, em firmamento escuro,  
O espaço ennoitecido.

Não raro o val soturno a corça e o leão transpondo,  
Quando o incendio estouraz ao longe em rouco estrondo,  
Inflado em raiva, a um sopro, aleava as furias, vieram;  
E, afuzilando o olhar, o pello hirsuto, á mingua  
D'agua, o orvalho estival sassado aqui, com a lingua  
N'estas folhas beberam.

Não raro! E quanta vez de extincta raça, á aragem  
Matinal, não se ouviu do rito a voz selvagem  
Saudando o sol aqui, sob esta arcada! E, á lua,  
A' noite, quanta vez, na aura vernal trazido,  
Não se veio perder de estranha danza o ruido  
N'esta folhagem nua!

E era grande ! e era bella est'arvore assombrosa !  
Tudo a amava, em redor, e, altiva, em luz gloriosa,  
Lançava aos céos, robusta, a sua fronte, em festa ;  
E immenso canto echoava aos pés da soberana . . .  
Mas . . . como a palpitar do cacto agreste á liana,  
Não tremeu a floresta !

## II

. . . Entrara a selva um dia um homem. Sopesava  
Terso afiado mangil. Em torno a vista crava,  
A arvore vê. Levanta o truculento olhar . . .  
Toma-lhe a altura enorme ás ramas, a espessura  
Ao tronco. E o ferro, audaz, de solida armadura,  
Faz sinistro vibrar.

Mas nem sequer um ramo estremeceu. Violento  
De novo no ar voltêa o tétrico instrumento,  
E sôa o golpe. Ainda um ramo nem sequer  
Estremeceu. Resiste a casca espessa, o escudo  
Da corcha. P'ra fendêl-a, ao braço heroico e rudo  
Mais esforço é mister.

---

Pois novo esforço. E roda a arma assassina ao pulso,  
E lá vae, lá bateu, que é força entrar. Convulso  
O homem de novo ás mãos sacode-a. Uma outra vez  
Sacode-a. O aceiro brilha, e do cortante gume  
A furia estona o tronco. E ha, talvez, um queixume  
No madeiro, talvez...

Ainda outro esforço. E no ar, como mandrão guerreiro,  
Zune o ferro, e feriu precipite, certo:  
A casca espicou-se em laminas subteis...  
Correu prompto tremor o caule informe, erguido,  
E, subterraneo ouviu-se o echo de um gemido  
Na alastrada raiz.

Outro golpe, outro abalo. Em finas tablas vóa  
De novo a casca, e da arina ao rudo accento echôa  
A solidão. Pergunta espavorida a flor  
A've:—Que voz é esta?—E o tigre, a furna entrando:  
—De onde parte este grito?—E os rufosleões, parando.  
—Quem faz este rumor?

E é da ruina estupenda o lugubre alarido  
De montanha em montanha e bosque em bosque ouvido.  
Tudo, da grimpá excelsa ou da planura, o val  
E o rio, o cedro e a rocha, o enho e a palmeira, pondo  
O olhar nos céos, escuta aquelle excidio hediondo  
E crime sem igual!

A grande arvore cae ! A ramaria forte  
Treme em cima, dansando uma dansa de morte.  
Rompeu-lhe o alburno agora e vae-lhe ao coração  
A secure. Uma a uma as fibras rangem; falla,  
Ringe, arqueja o madeiro, e, pouco a pouco, estala,  
A' mortal vibração.

A grande arvore cae ! Já se lhe inclina e verga  
A frente, e aos pés, a gruta,—o seu sepulchro, enxerga!  
Astros, sol, amplidão, espheras de ouro, céos,  
Nuvens, sopros do mar, e passaros da aurora :  
A grande arvore cae! mandae-lhe em pranto agora  
O vosso ultimo adeus !

---

---

A grande arvore cae ! Como entre o firmamento  
E o mar alto, a viajar um grande mastro ao vento  
Oscilla : oscilla assim seu corpo immenso no ar.  
Elos, cirrhos, cipós, que o seguraes, deixae-o !  
Rompeu-se-lhe a medulla, e já rechina o raio . . .  
Não o ouvis estalar ?!

A grande arvore cae ! Do tronco seu robusto  
Não te affastes na queda, expira com ella, arbusto  
Segui-a ao somno extremo, ó corvos, e aguias reaes !  
Morrei com ella ! Seu ventre o ferro cruel retalha . . .  
Cosei-lhe em flor e em luz esplendida mortalha,  
Florestas tropicaes !

E cahiu ! rudemente a seu baque rodaram  
Com ella os cedros na gruta, e os montes estrondearam . . .  
Rasgou-se ao bosque o tecto, a tunica se abriu ;  
E a pomba o ninho, a bôa a preza, o fructo erguido  
A ave, tudo deixou de prompto, espavorido,  
Quando a arvore cahiu !

E da ruina estupenda o lugubre alarido  
Foi de ermo em ermo e foi de bosque em bosque ouvido;  
Tudo, da grimpa excelsa ou da planura, o val  
E o rio, o cedro e a rocha, o enho e a palmeira, pondo  
O olhar nos céos, tremeu áquelle excidio hediondo  
E crime sem igual !



A

OLAVO BILAC

# A LAGARTA

II

Admirable compensation!... En plongeant si bas dans la vie, je croyais y rencontrer les fatalités physiques. Et j'y trouve la justice, l'immortalité, l'espérance.

MICHELET—*L'insecte.*



## I

SER lagarta, em verdade,  
E' uma cousa bem triste !  
O asco provoca, enoja . . . Ah ! só por crueldade,  
Ou brinco, ou raiva ultriz de alguma divindade  
Esse animal existe.

Zeus, que no Olympto excelle,  
Toma de um touro, um dia,  
A fórma, e arrasta Europa, e a longe praia a impelle:  
Mas fosse Europa flor, e da lagarta a pelle  
Zeus acaso enfiaria ?

Não ! de escrupulos presa,  
A vél-o assim, fugira  
A seu lesmoso labio a agenoria princeza ;  
E, alvo lyrio real, a estremecer, surpresa,  
Toda se retrahira.

E quem ha que se agrade  
De um ente assim ? resiste  
Quem ao vê-o ? e se o viu quem é que tem piedade  
De animal tão ruim ? Ser lagarta, em verdade,  
E' uma cousa bem triste.

## II

De uma eu sei, entretanto,  
Que cheguei a estimar  
Por ser tão desgraçada !...  
Tive-a hospedada a um canto  
Do pequeno jardim ;  
Era toda riscada  
De um traço côr de mar  
E um traço carmezim.

## III

Dava-lhe a custo e mal a sombra pequenina  
De um galhinho sem vida um pé de cazuarina.  
Batia-lhe de rijo o sol no dorso, forte,  
Vergastava-a de rijo o vendaval do Norte ;

Subia acima o ramo, abaixo vinha, á vasca  
Do vento. E o pobre ser, seguro sempre á casca,  
Lesmava-a toda. Emfim, mais forte a aragem brinca  
A' noite, assopra e zune, e o debil galho estrinca,  
Estala, e d'entre os mais, andando á roda, o aparta.

Veio com elle ao chão a misera lagarta.

#### IV

E affirmo-o, podeis crêl-o, eu vi-o ! em toda aquella  
Selvazinha gentil de arbustos pequeninos,  
Onde o clerão susurra e o grillo tagarella,  
E azoïnã da cigarra os tipples argentinos ;

Não houve um seio só de acantho ou margarida  
Que se quizesse abrir, piedoso, ao somnolento  
Animal que á procura entre elles foi de vida,  
E entre elles foi cahir porque o mandara o vento.

Torceu-se então na sombra ao ser objecto a immunda  
Bocca, e emquanto em redor, em quieta paz dormido  
O sitio, um casto aroma a noite incensa e inunda,  
Estas vozes lhe ouvi, á feição de um gemido :

## V

«Cansei-me, em vão, pedindo! As rosas de ostro, em balde  
Fallei e aos gyrasóes de grande c'róa jalde:

Não quizeram me ouvir gyrasóes e rosaes.

• Beijei supplicemente os pés dos vegetaes ;

Ninguem me quiz, ninguem! Passei, como mendiga,  
Implorando a chorar um pouso e estancia amiga...

Tudo em vão, porque a tudo o nojo inspiro, o horror !

Treme a folha ao sentir-me e treme ao vêr-me a flor.

E aqui estou friamente exposta ao vento enorme,

Sósinha, e sem dormir, e vendo um céu que dorme!

Noite, oh ! sê testemunha, eterno e mudo espião,

De minha dor sem nome e d'esta ingravidão ! »

## VI

Disse e pensou na morte. E com o mortal excidio  
Pensou tudo acabar... E pensou no suicidio.

Ia-se a pouco e pouco adelgçando o véo

Nocturno. A estrella d'alva illuminava o céu.

Fez o tumulo em vida e sepultou-se n'elle.

Ides ver que a maguava a sua propria pelle.

## VII

Claro rompia o sol no céu do Oriente. A grande  
Natureza, que em tudo a sua força expande,  
Pensou que, sendo Abril na terra alegremente,  
Dormia n'um cazulo um'alma descontente ;  
E, então, porque, talvez, entre implumado bando,  
Visse uma borboleta isolada pairando,  
Toma o sedoso esquife, arranca á morte a vida ;  
Sopra a negra materia informe, envilecida,  
Anima-a! Uma aza faz de scintillante gaza,  
Pervia á luz, ideal ; e faz após outra aza ;  
Prende-as, justa-as, sorrindo, e n'ellas pondo a vista,  
Como em rapto genial trabalha a mão do artista,  
Rabisca-lhes por cima um desenho chinez . . .  
A chrysalida, então, abriu-se d'essa vez,  
E da lagarta que era eis surge a borboleta.

Pasma olhou derredor, e, assim como uma setta,  
Rompeu livre o azul . . .

## VIII

O azul rompeu do espaço.  
Poz-se a voar, a voar, sem tregua, sem cansaço,

Té que descendo os pés, que eram dous aureos fios  
De aranha, em frente a um lago, entre uns ramos sombrios  
Pousou. Reviu-se n'agua. A alegria nas azas  
Scintillava-lhe assim como os rubins em brasas  
N'uma corôa. A luz cantava em torno, ao vê-la  
No lago a se mirar como uma linda estrella.  
Do pollen seu na côr, que embalde o Ticiano  
Sonhara, o ádyto escuro, o impenetrado arcano  
Estava da tinta ideal que, em sol delida, a immensa  
Sphera tinge de azul, de ignotas mãos suspensa.  
Os perfumes que então das urnas de ouro, em vago  
Bando, a aurora deixara esparsos sobre o lago,  
Vieram, marchando no ar, invisiveis, saudal-a.  
Já se ouvia no bosque aos passaros a falla,  
A manhã na amplidão voava, desenrolando  
As sulias côr de fogo.

E ella, as azas vibrando,  
Voou tambem na amplidão.

## IX

O meu jardim agora.  
Podeis florir, cecens e cravos côr da aurora !

Fugiu com a noite, foi com a noite e o vento aquelle  
Incubo hediondo e vil de ascosa e immunda pelle.  
Cravos da côr do sol, cecens, flori radiosas !  
Enxambre a luz do oriente a tunica das rosas .  
Sus, camelias ! Mas eis ridente e illuminada  
A nossa borboleta. Inquieta, desejada,  
Vae por tudo vibrando as suas azas loucas ;  
E foi lagarta ! e andou cuspida de mil boccas !  
E foi monstro ! e rojou de ventre como as feras !  
E irritava o gramado, e nauseava as heras !  
Eil-a, que garbo agora ! Ostenta de mil côres  
D'aza o prisma ideal entre as ruidosas flores.  
Tudo a procura e quer e é um longo aneio mudo.  
E, vêde-a, a vingativa ! um beijo cede a tudo !  
Mas quem pôde exclaimar, ao vêl-a assim tão bella:  
— Ella é minna ! se o ar e todo o espaço é d'ella !  
Ama, vôa, a aza estende, agora beija, agora  
Foge, volta de novo, e beija, e vae-se embora.  
E é em vão que a roseira inunda-se de aroma,  
Em vão a flor do sol aos raios de ouro agoma,  
A açucena na alvura em vão su'alma ostenta,  
Em vão para attrahil-a o cravo se ensanguenta,  
A papoula flammeja. Ella é a Mimi leviana :  
Ama, e treme, e delira, e vôa, e foge, e engana.  
Sabei, lyrios, sabei, dhalias, sabei vós quantas.

A amaes, sabei, jasmins, sabei, cheirosas plantas,  
Violetas côr do céu, pasmae com o caso incrível !  
Sabei todas que vós combateis o impossivel  
Querendo possuil-a ! O' virentes alfombras !  
O' tufos de verdura ! O' verdura das sombras !  
O' camelias sem côr ! O' lyrios côr de opalas !  
O' chrystaes das manhãs ! manhãs de eternas galas !  
Ninhos ! sons ! harmonia e sol ! e firmamento !  
Ella não será vossa ! em vão é o vosso intento !  
Pois um unico amor, uma paixão estranha  
Domina-a :

A trama de ouro e o fulvo olhar da aranha.



A

FERNANDO DE SÁ VIANNA

# A BORBOLETA AZUL

III

Toda azul como os grandes olhos d'ella.

C. DE ABREU.



## I

**S**UPPONHO que era Abril  
O mez, mas pouco importa, talvez Maio  
Ou mesmo Junho fosse . . .  
Nunca por céu de anil  
O sol na fulva lagryma de um raio  
Vi desmaiar mais doce.

Só, como a penna vae  
No ar, só, como a nuvem no hórizonte,  
Eu caminhava. Tudo,  
Uma folha que cae,  
Uma ave que esvoaça, a agua do monte,  
O monte ao longe, o mudo  
Deserto, tudo a mim

Me assusta. E eu caminhava. Agreste e feio  
Era o sitio. E, avançando,  
Por distrahir-me, emfim,  
Ia una a uma, em procurado enleio,  
As arvores contando .

Tomava-me o pavor  
D'essa hora, alli, só, acompanhado  
Só de meus pensamentos . . .  
Ao minimo rumor  
Cria ouvir um phantasma, e o bosque, ao lado,  
Povoar-se de lamentos.  
Redea solta, ao vagar  
Do cavallo, assim posto, a quanto havia  
Arvoredo de em roda  
Encarava. E, ao passar  
Por tudo, a tudo triste em roda via  
Pela planicie toda.

E creio que era Abril  
O mez! mas pouco importa, talvez Maio  
Ou mesmo Junho fosse . . .  
Nunca por céu de anil  
O sol na fulva lagryma de um raio  
Vi desmaiar mais doce!

## II

Quando da serra, além, sobre a campina  
Era a sombra maior, e além da serra  
Mais flammejante o céu, — volto o cavallo ;  
Faço-o pisar do rio a areia fina,  
E assim vou através do longo vallo,  
Mal sentindo a meus pés fallar a terra.

Corre directo ao bosque o rio. Inclina  
Sobre elle os verdes callejados braços  
Um'arvore, de pé nas rotas fraguas ;  
A espaços uma rama peregrina  
Oscilla ao vento, vae com o vento ; a espaços  
Vem á face tristissima das aguas.

E eu, derramando os olhos sobre aquillo,  
Notando o aereo brando movimento  
D'aquella rama na corrente, inquieta,  
Scismava. Quando pelo azul tranquillo,  
Pelo calido azul do firmamento,  
Vejo vir uma grande bórboleta.

Nos canniços, ao pé, de pluma em pluma  
Pairou. Sosteve as azas leves. Logo  
Em direcção ao sol partiu. Morria  
A tarde. Em fogo as nuvens, uma a uma,  
Torreavam no occaso; e o céu de fogo  
Valles, montes de purpuras cobria.

## III

A borboleta azul que espaço afóra  
Segue, não n'ó sei bem...  
D'ella, talvez, me falle, onde ella mora  
Talvez more tambem.

Talvez de seu cabello desatado  
Voasse, como uma flor,  
Como o laço de fita embalsamado  
Que usa, da mesma côr.

Ella, formosa e timida violeta  
Mal desbrochada á luz,  
Ella ama o céu, como ama a borboleta...  
Ambos são tão azues !

## IV

Vejo a casa, afinal, onde ella mora,  
Ella que a idade apenas  
Talvez conta, aljofrada á luz da aurora,  
Da menor das phalenas.

Ella que á minha dor abriu-se acaso,  
Como um bom firmamento,  
E cuja mão, se a beijo, é como um vaso  
Onde me dessedento.

Certo esperara todo aquelle dia...  
Achei-a anciosa, e ao vê-la,  
E ao vêr-me, eu vi : de pranto um bago havia  
Em seu olhar de estrella.

Lançou-me do pescoço em roda os braços,  
Deu-me a pequena bocca ;  
Depois, com o andar da pomba, atraz dous passos  
Moveu risonha, e louca

Fugiu. Tornou. Trazia á trança loura  
Um laço azul, o amado  
Laço da côr do céu, que a sobredoura  
De um reflexo sagrado.

—« Fico melhor assim, não acha, com esta  
Fita azul ? » E sorria . . .  
Morrera o sol, calara-se a floresta,  
Apagara-se o dia.

## V

Sobre-manhã parti. Molhava a neve  
O pendor da montanha. No arvoredado  
Proximo, as pennas a ensaiar de leve,  
Um passaro, em segredo,  
Se ouvia. O som das aguas derivadas  
Da serra o chão da gruta, lento e lento,  
Ia acordando. As folhas orvalhadas  
Palpitavam com o vento.  
Uma fita de fogo no Levante  
Subia. E a estrella d'alva, immensa e bella,  
Tauxiava o plano da cerulea téla,  
Como um grande diamante.

## VI

● Com a buzina de caça pendurada  
A' cinta, quanta vez do excelso tope  
De um monte, emquanto, ao longe, o pó da estrada  
    Um cavallo a galope  
Batia, quanta vez não vi distante  
O fumo de seu tecto, embaixo erguido,  
Como um lenço acenar-me ! E a vista errante  
    Quanta vez, commovido,  
Não fiz pousar na copa verdescura  
Do seu telhado, emquanto ao sol de estio  
Voava um pombo nos ares, á procura  
    De outro pombo erradio !

## VII

Leva á casa gentil, e era tão perto !  
    Um plano desigual :  
Sinuoso trilho na collina aberto.  
    Aqui do cipoal  
A laçaria : a flórida latada  
    Ora vae, ora vem,

Baila com o vento em trepidante escada.  
Torsos troncos além ;  
Uma flor escarlate ao pé de um ninho. . .  
Do sassafraz o olor  
Rescende, e borda as margens do caminho  
A madresilva em flor.  
Filipendulas mil de cima a baixo  
Serpenteam subtis ;  
E ao longe ostenta um passaro o pennacho  
De abrasado matiz.  
Resplende o sol. Abre-se um cacto. A aragem  
Vem mais fresca do sul. . .  
E em tudo, aerea, trefega, selvagem,  
Paira uma grande borboleta azul.

## VIII

A borboleta azul do mato, que ora  
Vôa aqui, ora além,  
D'ella talvez me falle, onde ella mora  
Talvez more tambem.

Talvez de seu cabello desatado  
Voasse, como uma flor,  
Como o laço de fita embalsamado  
Que usa, da mesma côr.

Ella, formosa e timida violeta,  
Mal desbrochada á luz,  
Ella ama o céo, como ama a borboleta...  
Ambos são tão azues!

## IX

Viera Outubro. Que magua  
Em tudo! A agua não corre; em vão procura  
A arvore triste com a ramada escura  
Os rios... faltos d'agua.  
Seccaram-se as correntes;  
Aos pés do caminhante  
A areia range, iriante  
Em reflexos ardentes.  
Viera Outubro, viera.  
O sol jámais tão forte  
Illuminara a esphera.

Desfloram-se os valles,  
Já golpeados da morte.  
Do pequenino calis  
A's arqueadas umbellas  
Passava o estrago. E, á luz do meio dia,  
O vento os campos aridos enchia  
De folhas amarellas.

## X

Consta que ella, uma tarde, em que radiante  
Das nuvens de ouro a abobada se erguia,  
Os braços nus para a amplidão distante,  
Em falta de azas, tremulos abria.  
E' que, aos raios do sol bailando inquietas,  
Suspensas no ar, em dansa vaporosa,  
Um vago bando azul de borboletas  
Vira passar na tarde luminosa.

## XI

Desde esse dia nunca mais poderam  
Meus olhos vêl-a. E' bem provavel voasse! . . .  
D'ella não soube e as flores não souberam.

---

A casa ahi está, porém, qual se a habitasse  
Ainda. E, abrindo a livre ponta da aza,  
Douda, erradia, exul,  
Em torno á velha casa  
Paira uma grande borboleta azul.





AO

DR. HENRIQUE DE SÁ

# O ANACHORETA

IV

Eis o loto da noite, unindo-se á lua  
desafogada das nuvens.

KALIDASA.—*Raghu-Vança.*



**F**oi com surpresa e espanto, em erma e atra espessura,  
Que Rudhra, o sabio, o grande, o anachoreta indiano,  
Rudhra que tem no olhar o brilho sobrehumano  
Do incansavel labor da penitencia obscura ;  
Foi, com surpresa e espanto e n'um delirio vago,  
Que uma vez do luar que limpido nascia  
Estas cousas ouviu, na floresta sombria,  
Ditas distinctamente ao loto azul de um lago :

« Vem ! — dizia o luar — descerra uma por uma  
As petalas azues !  
Dou-te um lago de espuma  
Onde melhor fluctues !  
Vem ! como a Apsara é minha, a tu'alma desata,  
E sobe entre desmaios !  
Dou-te alvissima prata . . .  
A prata de meus raios !

Dou-te o leque de luz com que me vês no Oriente,  
Dou-te o cofre de opalas  
Que entórno em meu crescente  
Pelas eternas salas !

Dou-te a nuvem, a estrella, espiritos, chymeras...  
A luz, o orvalho dou-te,  
E a lyra das espheras,  
E os incensos da noute !

Vem, adorado ser, tu das alturas digno !  
Rompe a brutal materia,  
E d'este áquelle signo  
Eleva-te, alma etherea ! »

Tal, em surpresa e espanto, em erma e atra espessura,  
Certa noite ouviu Rudhra, o anachoreta indiano,  
Rudhra que tem no olhar o brilho sobrehumano  
Do incansavel labor da penitencia obscura.



▲

**ALBERTO CONRADO**

# HORAS DE OURO

▼

Ah ! que ne puis-je remonter vers ces heures fortunées, retrouver ces loisirs enchanteurs !.

TOPFFER.—*Nouvelles genevoises.*



**E**RA, lembro-me ainda! á beira-mar.— Desperta,  
Falla, minha saudade!—Uma janella aberta  
Sobre a azul extensão das aguas, e a ventura  
Dentro, lá dentro, aos pés d'aquella creatura  
Que foi minha, que amei, que eu possuí, que apenas  
Eu gosei . . .

Quando o sol, pelas tardes serenas  
De Agosto, o mar não só de branca espuma, o ethereo  
Mar de nuvens tambem,—como de escudos o ereo  
Campo,—accendia; e em torno áquellas aguas, cheia  
De sons, a salsa praia em cada grão de areia  
Seus diamantes brilhava : era de ver a casa  
Rente ás ondas ! A luz em télas de ouro em brasa  
Era a purpura viva, era a tapeçaria  
Das salas,—luxo estranho e oriental! subia  
Pelas paredes ; longa, em véos tyrios, crescente,  
Implicada, do tecto ao solho esplandecente  
Desdobrava-se. O chão riscava-se dos passos  
Das sombras a correr em tremitos, a abraços,

Soltas, subitas indo. E em cada porta, á entrada,  
Punha o fulgor da tarde uma corôa, e em cada  
Corôa infindos rubins, chrysolitas, gemmantes  
Pedrarias, rocaes de estrellas, de diamantes  
Scintillavam. E sempre o ouro do sol, descido  
Ao mar, pela janella, entre os vidros. fundido  
Em torrentes, bolhando, entrava. Um grande espelho  
No aço puro estampava aquelle céu vermelho  
De lá fóra; ao crystal de sua face o estranho  
Colorido do occaso olhava-se. De estanho  
Ora as nuvens alli, ora de opalas, ora  
De cárthamo e sandiz, de vermelhão, de aurora  
Tintas voavam, n'um grande exercito, imitando  
Já um templo, uma cidade, um mar de sangue, um bando  
De ruinas, já de um deus em bronze a estatua, e os vultos  
De enormes aninaes ha seculos sepultos.

Era n'aquelle espelho, entre a magia extrema  
Do occaso, que ambos nós de rutilante estemma  
Cingidos, sobre a minha a sua mão, tomados  
De assombro, a tudo mais alheios, affastados,  
Quietos, mudos, sem voz, nos olhavamo. Ella,  
Como ao fundo de um rio uma longinqua estrella,  
A meus olhos lá dentro apparecia ao fundo

Do vidro, em meio á luz do fluctuante mundo  
De nuvens. A amplidão cercava-nos, a fronte  
Nossa errava no céo; e a linha do horizonte  
Prolongava-se além vermelha e infinda. E em tudo  
Sempre o ouro do sol n'aquelle espelho mudo  
A cair, a cair. . .

E sobre a fulva poeira  
Do ouro que alli chovia, a minha vida inteira  
Ajoelhava, e em tropel meus dias; e era tanto  
O esplendor em que os tinha e tão profundo o encanto  
De tal vida, que os sons de outra existencia, o passo  
Das auroras no céo, dos astros pelo espaço,  
Da luz, que assoma e assoalha o esplendido thesouro:  
Parecia o rumor d'aquellas horas de ouro.

Uma vez, casualmente, olhavamo no liso  
Aço um castello ideal, phantastico, indeciso,  
Que uma nuvem do mar erguera, e ás vespertinas  
Sombras dava o clarão das pendulas ruinas.  
D'estas parte, n'um jorro, em scintillante e clara  
Onda o incendio do sol poente illuminara;  
Rubro sangue listrava-a, a luz lambia-a em roda,  
E era toda despenho e labaredas toda.  
No ar circumstante havia um reverbero vivo  
Como o de ignea fornalha. Instante e convulsivo

O castello ruia ; e cada chamma os nossos  
Rostos afogueava. Os ultimos destroços  
Vi da mole fumante. Espessa e ás voltas veio  
Do alto a nuvem rolando; a luz varava-a, o seio  
Se lhe abria combusto e, gottejando em lava  
Rubra intenso cruor, esgarçava, esgarçava. . .  
E quando o sol rompeu por sobre aquillo e em vago  
Lume, como ao depois de uma batalha, o estrago  
Clareou vivo do incendio, —olho e estremeço: havia.  
Sobre o espelho sómente a minha sombra fria!  
Eu sómente alli estava, olhava eu tão sómente  
O vacuo ! E estando a olhar, o espelho de repente  
Empanou-se, e cresceu por dentro d'elle a escura  
Noite, e o sol se apagou de sua face pura...  
Uma estrella entretanto, apenas uma, acaso  
N'elle ás vezes resplende em direcção do occaso,  
Mas tão triste de luz que imaginando, ao vê-la,  
Fico se é por ventura aquillo mesmo estrella.



A  
JOAQUIM SERRA

# NOITE DE CHUVA

VI

De horrenda cerração c'roada a Noite.

BOCAGE.—*Leandro e Hero.*



QUE é das estrellas, que é d'essas  
Huris de loiras cabeças,  
A que a alma, se a magua a affronta,  
Remonta ?

Em que outros céos, mais serenas  
Gyraes, doidejantes, plenas  
De luz, mais vivas, mais bellas,  
Estrellas ! ?

Este é soturno, este espaço ;  
N'elle ha das nuvens o passo  
Sómente, monstros em bando  
Marchando.

Escuridão ! chuva ! nevoa !  
A vista cansada elevo-a :  
E' tudo sombra, um lampejo  
Não vejo!

Escuridão ! chuva ! Immensa  
Tenda de trevas suspensa  
No ar, no horizonte mudo,  
Por tudo.

Flebil, monotono escuto  
Ranger, minuto a minuto,  
O velho arvoredado ao vento  
Violento.

E as aguas longe, o bravio  
Remêso, a queda do rio  
Torneando as pedras, topando-as,  
Trepando-as !

E como a chuva entristece,  
E cansa e enfara e aborrece,  
Miuda a cahir de hora em hora  
Lá fóra !

Que vago torpor, que vaga  
Mollicie os membros me affaga !  
Estiro-os, bocejo ; conto,  
Reconto,

---

Mil varias cousas, me ouvindo  
Absorto, extinctos abrindo  
Arcanos cuja saudade  
Me invade.

Meus dias mortos de festa  
E amor, em noites como esta  
Plumbeas, pesadas, estereis,  
O que ereis,

O que valieis sómente  
E' que eu comprehendo, a mente  
Para essa morta alvorada  
Voltada!

ão tornareis forasteiras  
Auroras de ouro! A's primeiras  
Alvas que sombras succedem  
No Eden!

A noite agora,— a que habita  
A alma— que a noite infinita  
Emúla que o céo semêa  
Tão feia!

Sinto-a estender-se opprimida  
D'esta hora; e á furia bramida  
Do vento juntar e ás aguas  
As maguas.

Quanto ha de tedio, o que existe  
De mais aborrido e triste  
Me desespera, me enturva,  
Me acurva.

Tenho a alma como entre um muro  
De sombras, lugubre, escuro!  
O céo nem vejo que anima  
Lá em cima!

Escuridão! chuva! immensa  
Tenda de trevas suspensa  
No ar, no horizonte mudo,  
Por tudo!

E mais continuo, de instante  
A instante, mais sibillante,  
Aos refegões zune o vento  
Violento.

E roucas, rudes, revoltas,  
Bolhantes, rapidas, soltas,  
Mugem as aguas do rio  
Bravio.

E a chuva cresce, recresce,  
Em furia, enfara, aborrece,  
A's soltas saltando agora  
Lá fóra.

Oh ! como em beijos me prendo  
A ti, que eu só comprehendo,  
Retrato amigo, figura  
Tão pura !

Retrato d'ella ! composto  
De graça e virtudes ! rosto  
Que tanto osculei, que tanto  
Com pranto !

Cabellos d'ella ! . . . Com o vêr-te,  
Com o te beijar, com o prendêr-te,  
Te olhando, te interrogando,  
Te amando :

Entra-me n'alma indeciso  
Reflexo do Paraiso !  
Ajoelho, e meu céo, meu templo  
Contemplo !



BERNARDO DE OLIVEIRA

PER TENEBRAS

VII

Blow, blow, thou winter wind ;  
Thou art not so unkind  
As man's ingratitude ;  
Thy tooth is not so keen,  
Because thou art not seen,  
Altho' thy breath be rude.  
Heigh-ho ! sing ; heigh-ho ! unto the green holly,  
Most friendship is feigning ; most loving mere folly.

SHAKESPEARE.



I

**E**RA um caminho estreito  
E escuro, n'essa escura  
Noite, á beira do mar, orlando-o. O aspecto  
Do mar bem se não via,  
Que era todo espessura...  
Rumor d'aguas sómente o espaço enchia.

Eu, não sei como, andava  
N'esse lugar medonho  
A taes horas. A fronte me alagava  
Suor frio, o cabelo  
Tinha-o, como n'um sonho,  
Eriçado de um negro pesadelo.

Alli, voejando ás tontas,  
Como stryge agoureira,  
Paira o Medo, o Terror. Com as hartas pontas  
Os penedos, dispostos  
Junto a podre albufeira,  
N'agua se vêm com os achumbados rostos.

Coalhado do negrume  
Da noite, aneia o espaço ;  
Alli não cala incerto escasso lume  
De estrella. A infectos miasmas,  
Porém, sente-se o passo,  
Como o passo invisível dos phantasmas.

Rofas moles de troncos  
Pavorosas se arquêam  
D'este lado ; d'aquelle aspectos broncos  
De penhascos ; soturnas  
Cavas grutas vozêam  
No echo abafado das equoreas furnas.

E a tremer n'esse estreito  
Caminho, pela escura  
Noite, escura e agitada, eu ia. O aspecto  
Do mar bem se não via,  
Que era todo espessura . . .  
Rumor d'aguas sómente o espaço enchia.

Soavam surdos na treva  
Os meus passos e, incerto.  
Como quem sente que um phantasma leva  
Traz si, olhava, o ouvido  
Aguçando, e mais perto  
Cria escutar um sepulchral gemido.

Empós mim certo erravam  
Outras sombras, e em lento.  
Gyro, á laia de espectros, se arrastavam !  
Sim, com um rouco, um profundo,  
Com um sinistro lamento  
Surgem das trevas em que a vista afundo.

Ah ! parece-me, em dobre  
Pasma, estar inda a vêl-os  
Esses que o medo panico descobre,  
E a diabolico encanto,  
— Horriveis pesadelos —  
Se entremettem no sonho, espanto a espanto !

Todos vieram, vieram,  
Vieram ! todos em ronda  
Lugubre e extensa me encararam, e eram  
Tão de horrores, que eu ante  
Aquella turba hedionda  
Não fui mais que uma estatua n'esse instante.

Quedei-me, em pedra immota  
Vi-me; temporas, pulsos  
Sem vida, o olhar sem luz, a mente idiota...  
E a legião sombria  
Dos espectros convulsos,  
Mudos, porém, da escuridão rompia.

Todas as minhas Dores  
Vieram ; todas em grita  
Surda e horrente, com multiplos clamores,  
Ao meu lado passaram,  
E da noite maldita  
Com os soluços as trevas abalaram.

Vós também, Sonhos torvos,  
Tambem vós me seguistes,  
E, quaes rodam do céu n'um ponto os corvos,  
Vós, revoltos, em bando,  
Ieis, negros e tristes,  
Com a aza de fumo em torno a mim rodando.

Viestes, males retidos  
No coração, sepultos  
No coração, no coração soffridos !  
E, arremedando as Furias  
No sanhudo dos vultos :  
Viestes, Raivas, e Coleras, e Injurias !

Tu tambem alli estavas,  
Olhar de Odios gratuitos,  
Bocca da Inveja sordida, que bavas  
Tudo, e estragas, e damnas;  
Zombaria, que a muitos  
Sob disfarce calculado enganas !

Nem tu mesma faltaste,  
Traição fria e engenhosa,  
Que na sombra teus golpes estudaste;  
E uma vez, muda e calma,  
Insperada e enganosa,  
Hervado ferro me embebeste n'alma !

Todos viestes. E o medo  
N'un frio intenso e agudo  
Corre-me as carnes. E, impassivel, quedo,  
Semianime, exsangue,  
Petrificado, mudo,  
Reprêsa a voz, parado o olhar, o sangue

Gelado, hirtos na testa  
Os cabellos, — em roda  
Eu via erguer-se da espectral floresta  
As mil fórmas, ao vento  
Que passava ; e ella toda  
Gemia agora um sepulchral lamento.

## II

Pouco a pouco, porém,  
Como quem sae de um fojo infecto e os ares  
Livramento respira ;  
Como o que á tona vem  
De um rio, altêa o corpo, erra os olhares,  
Move dos braços, se desprende e tira  
Das aguas : pouco a pouco  
Desperto, acórdo, a vista em roda, inquieto,  
Lanço, as sombras inquirio . . .  
O mar violento e rouco  
Geme ainda ; na noite ha o mesmo aspecto,  
E um suspiro se escuto é meu suspiro.

Córava a escuridão  
Não sei que luz n'esse momento : um fraco  
    Ponto de ouro em começo  
    No céu ; quasi um clarão  
Depois ; depois todo o horizonte espesso,  
Toda a nevoa das sombras, todo o opaco  
    Das cousas se alongava,  
Se despartia, dava entrada áquella  
    Luz indecisa ; o espaço,  
    Turvo que era, alli estava  
Pervio agora a se abrir, de traço a traço,  
Em aureas nodoas se embebendo d'ella,

## III

Era o dia ! era o sol ! Ascende a luz, palpita,  
Com a aza etherea a roçar a abobada infinita.  
Treme a noite, e é assim como um grande reposteiro  
Que ondula em quedas de ouro e se desdobra inteiro ;  
Mar de fogo e rubins e opalas, — a alvorada  
Entra pela amplidão, alaga-a, e despenhada

De cima, em rios cobre a terra inteira. Agora  
Nem uma sombra mais, um pesadelo! A aurora  
Dissolveu-os! O mar a musica sombria  
Adoça, ouvindo ao longe as cytharas do dia.  
No ar a est' hora talvez um anjo passa, aberta  
A aza, annunciando a manhã que desperta.  
Sus, minh'alma! E eu revia o sitio em que tamanho  
Horror me salteara: o trilho estreito, o estranho  
Ermo, os pedrouços mil do sitio informes, tudo,  
Troncos, a agua, a albufeira, o abysmo, o oceano, o rudo  
Penhascal; e no chão buscava vêr se um traço  
Espectral descobria ou signal de algum passo.  
Tudo a luz dissipou, varreu, levou radiosa!  
Nem um vestigio mais d'essa noite assombrosa!  
E quando a fronte ergui, todo o Oriente, em fogo  
Vivo a arder, se mostrava. O sol nascente logo  
Surgiu e ao seu clarão suavissimo, indeciso,  
Inundava-me o rosto o primeiro sorriso.





A

ARTHUR OROZIMBO

# A CRUZ DA MONTANHA

VIII

Sobre o marco de pedra a cruz se eleva,  
Como um pharol de vida em mar de escolhos.

A. HERCULANO.—*Harpa do crente.*



## I

No alto da serra inculta, onde a virente copa  
Torce o vento á araucaria, e o temporal galopa,  
Despertando, ao tropel das musicas nocturnas  
Que arrasta, a escuridão das covas e das furnas :  
A deshoras quem cruza o valle immenso embaixo  
Vê, se acaso ergue a vista, o como arder de um facho.  
E' uma estrella? Não sabe. Um fogo fatuo? um duende?  
Um phantasma ? E aturada e permanente esplende  
A luz por entre o horror da negridão da noite.

## II

Mas a chuva nem sempre, o temporal, o açoite  
Do vento na alta serra as arvores abala ;  
Muita vez rompe a lua, entre a nevoa resvala

O aureo globo lá em cima, ao longo das vertentes  
Coando em frouxo chover as lagrymas luzentes.  
Então brando rumor,—a voz da Natureza  
Na secreta volupia,—uma quasi tristeza  
Do goso,—em tudo acorda. O pinheiral suspira,  
E se ouve em cada gruta a voz de ignota lyra.

## III

Outras vezes é o céu só com as estrellas, cheio  
D'ellas de extremo a extremo, e precintado ao meio  
Da alva faxa que estende a Via Lactea enorme.  
Tudo queda e repousa. E a serraia dorme  
Sob esse escuro azul de um céu que tem por cima.

## IV

Em taes horas não sei que novo brilho anima  
A luz que medo poz a quem passou distante  
Na planicie. Lá está, por noite assim, radiante  
Como a estrella da tarde. Essa, entretanto, a porta  
Do poente entrou de ha muito, e é desmaiada, é morta.

## V

Não,—das cimas da serra, ó arvores, conta-o!  
Não é de um astro a luz, não é da estrella o raio  
Esse arcano clarão. Elle illumina um'alma.  
Lá se agita uma sombra. A movediça palma  
Não é do coqueiral, quando a procura o vento  
E d'ella extrae com o sopro um musico lamento.  
E essa harmonia? . . . Acaso o mesmo vento acorda  
Som tão doce?!... Silencio!... E' de uma guzla a corda.  
Alguem canta. Abre a noite o ouvido attento. A escarpa  
Escuta. A humanas mãos se despedaça um'harpa  
Lá em cima, e o estranho accorde, a melodia estranha  
Flue n'um rio de prata através da montanha.

## VI

Mas que acerbo soffrer, que subita agonia  
Estas notas traspassa e inverte esta harmonia?!  
Vamos, galguemos o alto á serra alpestre e informe!  
Lá na soidão sem termo ha um desespero enorme.  
Soffre alguem, pena alguem... Humana voz me falla...  
Um grito igual ao meu n'aquella altura estala!

## VI

Dorme seu grande somno a natureza inteira.  
Tardo o passo, anhelando, a ingreme ladeira  
Subo. Que escuridão, que mar de espessa treva  
Róla a meus pés embaixo, entre meus pés se eleva!  
Ondas negras sem fim! amplo diluvio escuro!  
A uma parte e outra parte a sombra altêa um muro  
E me opprime. Entretanto a escarpa vingo, o rosto  
Vólto ao despenhadeiro, ao abysmo transposto...  
Ainda um passo, e descubro a luz que me ha tentado.

## VIII

Entre o implexo palmar ha um tecto levantado.  
E' um palacio. Porém sómente uma janella  
Aberta cede á noite o seu fulgor de estrella,  
Luz sonora,— que vem n'ella arrastado um hymno.  
Hymno vasto... E' um gemer, é o grito de um destino  
Doloroso. Lá dentro uma mulher ao piano  
Canta, ensinando á noite o que é o lamento humano.

E o instrumento febril onde os seus dedos correm,  
Onde dos olhos seus as lagrymas escorrem,  
Geme, como se um cysne, em magico transporte,  
Dentro d'elle soltasse o seu canto de morte.

## IX

Tem vinte annos. E' bella. O canto entristecido  
Sôa mais alto agora, é mais alto o gemido.  
O arquejante instrumento um novo carne acorda,  
E da aberta janella a musica transborda  
Dentro da noite. A' luz, dir-se-hia aquelle immenso  
Hymno, em fumea espiral, como a espiral do incenso,  
Subia, e em cada volta em que se emovellava  
No ar, sentada uma queixa e uma lagryma estava.  
Mas plangeu subitaneo o piano gemebundo  
Outro carne. E' a saudade ardente que, este mundo  
Deixando, a alma comsigo ao tumulo transporta :  
« Adeus, tudo que amei ! » E o canto a face morta,  
As mãos postas, o tronco inerte, inteiriçado,  
Lembra do que se foi... Um novo tom maguado :

E' a canção dos que á Terra a superficie fria  
Correm sempre buscando a sombra fugidia  
Que partiu: «Onde estás!?»—E em cada accento o piano  
Grita, chama, interroga, e se espedaça insano.

E o instrumento febril onde os seus dedos correm,  
Onde dos olhos seus as lagrymas escorrem,  
Geme, como se um cysne, em magico transporte,  
Dentro d'elle soltasse o seu canto de morte.

## X

Sob a janella, só, por entre o movediço  
Palmeiral, ha uma cruz de marmore massiço.  
Guarda um tumulo. O chão de saudades coberto  
Está. Saudosa a luz, com seu fulgir incerto,  
Vem beijal-a e trazer-lhe a alma sonora e os prantos  
D'essa que dentro rompe em lagrymas e cantos.

## XI

E ella cantava sempre. Os passaros dormidos  
Despertavam no bosque. E o bosque é todo ouvidos.  
A agua os pés de alabastro apressa na corrente  
Para ouvil-a, e deslisa, e corre mansamente.  
Mudo, em extase, pasmo, o tremulo arvoredo  
Inclina a fronte, escuta, e é pensativo e quedo.  
Vem dos covis chegando a procissão tardia  
Das sombras, e a bailar trepidamente espia  
De longe, o ventre escuro a rastos. As inquietas  
Azas colhe a lucerna ; o somno as borboletas  
Interrompem, vergando ao pequenino galho  
A flor que o calis volta, e d'onde pende o orvalho.  
Folha a folha, aza a aza, espuma a espuma, o fio  
D'agua, o insecto, o arvoredo, em silencio sombrio,  
Suspendem-se, e mais livre a musica desata  
Sobre tal quietação as estrophes de prata...  
E o instrumento febril onde os seus dedos correm  
Onde dos olhos seus as lagrymas escorrem,  
Geme, como se um cysne, em magico transporte,  
Dentro d'elle soltasse o seu canto de morte.

## XII

Traduz o piano agora um desespero immenso.  
Como que em cada nota ha um coração suspenso  
Por lagrymas, que passa e vae sangrando. Ao brado  
Da dor, violento grito, estremece o teclado,  
Tine e vae a estalar. E' que a loucura,—gemea  
Do amor incontentado,—irrompeu na blasphemia.  
Mas n'um surdo—perdão—a furia se amortece,  
E a alma arrependida em prantos apparece.

## XIII

Pela janella aberta, em jorros a harmonia  
Golfava, enchendo a noite. Emquanto no abandono,  
Qual se o morto folgasse em seu ultimo somno,  
A cruz, braços ao ar, na sômbra estremezia.



HENRIQUE DE MAGALHÃES

# VERTUMNO

IX

Tudo o que vejo parece  
Triste de minha tristeza,  
E tudo mais me entristece.

BERNARDIM RIBEIRO.



## I

.....

**E**, crendo achal-a, a sombra fugidía  
O intricado rompeu da mata escura,  
Não dando conta que expirava o dia.

— « Dize, dize onde estás ! »—Pela espessura  
Chama, e ao tecto do bosque o olhar levanta,  
Abaúlado dos arcos da verdura,

Mas verdura sem flor, que a toda planta  
A voluvel espira, a trama, o enredo  
Nos quentes estos o verão quebranta.

Os desfloridos braços do arvoredó,  
Que encruzados lá em cima um sopro agita  
Fallam de um dia que morreu bem cedo.

Ora as heras não mais, a parasita  
Verde ás columnas vegetaes se enrola  
E o corpo elando os pincaros enfitá.

O estragoso calor que tudo assola  
Mal do cacto silvestre abrir consente  
A' cardea flor a timida corolla.

De eiva tocado, ao ramo seu pendente,  
Todo fructo arregôa, e assim responde  
De um ar que é todo fogo ao peso ardente.

—«Dize, dize onde estás!»—E as grutas—onde,  
Onde estás!— com os seus echos repetiram,  
Mas não fallaram do lugar que a esconde.

E errando acaso o peregrino, viram  
De repente seus olhos que acabava  
A selva, á luz que subito sentiram.

Uma larga planicie o sol dourava,  
Mas tão triste que n'alma ao caminhante  
Com vêl-a a sua dor se acrescentava.

— « Dize, dize onde estás ! A cada instante  
Chamo-te, e ao menos nem signal descubro  
Que na areia imprimiu teu passo errante.

Na ausencia tua tudo expira ! Outubro,  
— Quente mez que aborreço, — ás mãos voltêa  
Na cresta ás folhas o seu facho rubro.

E eu, que a teu braço a cornucopia cheia  
Vi dar ao mundo próspera o thesouro,  
Com que dor vejo a Terra ardente e feia,

Pois a não cobre o teu cabello de ouro ! »

## II

Disse, e olhou derredor. Distante, ás vivas  
Luzes da tarde, interrogando o vento,  
Balançam-se as palmeiras pensativas.

Todo o céu, todo o azul do firmamento  
Está cheio da magua e da tristeza  
Que a alma lhe traça n'esse atroz momento.

No ar, no monte, no valle e na deveza  
Como que um'harpa immensa e dolorosa  
Chora e parte-se ás mãos da Natureza.

E elle a vista, da lagryma saudosa  
Toda embebida, em frente ao sol que expira,  
Sumiu nos ermos da amplidão radiosa.

— « Dize, dize onde estás ! » Falla e suspira,  
E ás nuvens longe meçe as soltas alas  
Que ao céo varrem a limpida saphyra ;

Umas de ouro, de purpura, de opalas  
Outras . . . E a alma anciosa e entristecida  
Cá do exilio da Terra a interrogal-as !

— « Dize, dize onde estás ! Que despedida  
Foi a tua que assim que te partiste  
Vi que estes campos desertara a vida ! ?

Cae morta a flor que n'um sorriso abriste,  
Murcha-se o ramo, secca-se a corrente  
Onde molha o arvoredado a sombra triste.

---

Té do campo a verdura,— e isto consente  
Teu amor!— onde meiga adormecias,  
Torra e cresta o verão com o raio ardente.

Se tornassem contigo aquelles dias!  
Se volvestes!... Mas vejo que interrogo  
Um vão phantasma n'estas nuvens frias! »

E das nuvens, maguada, a vista logo  
Soltou-se, entre o crepusculo que vinha,  
Como um peplum, velando o céu de fogo.

Era a hora em que ao valle se encaminha  
A noite, pelo pincaro do monte;  
Vôa á face dos lagos a andorinha ..

Uma faixa de luz da serra á fronte  
— Sol das almas lle chamam — reaparece,  
Mas logo esmaia, e é trevas o horisonte.

E a alma das cousas, o susurro, a prece  
De tudo a estrella que nasceu primeira  
Nos raios de ouro levantar parece.

E n'agua morta, do regato á beira,  
As desfolhadas arvores se encaram...  
E á voz, que ha pouco á Natureza inteira

Fallava, as nuvens tremulas quedaram ;  
E longe, como um rancho de captivas  
Que, olhando em roda, sem dormir ficaram :

Balançam-se as palmeiras pensativas.



A

ANTONIO AGUIAR

# A ENCHENTE

X

**Augmenta a inundação, cresce de mais a mais.**

**BURGER.**



Foi sobre o pôr do sol que a agua, espumando, ás roncás,  
Começou de crescer : pelas fragosas voltas  
Das vertentes a uivar; pelo pendor, ás soltas,  
Das pedras a mugir; pelos algares, broncas  
Socavas, barrocaes, sonoras grutas, o ermo  
Zoando, com o propagar dos echos seus sem termo:

Descia. Em plumbeo céo, de esparsas franjas no alto  
Baldaquins de vapor do temporal se arqueavam,  
E ainda, de quando em quando, ao raio, que de assalto  
Rompe-os, douram-se ao lume, e o seio ethereo cavam,  
Onde, em sulcos de fogo, os subitos coriscos  
Se encruzilham febris, serpentejando em riscos.

Doce raio de sol, d'entre o compacto enxame  
Das nuvens ora escapo, ia aqueitando o monte;  
E era assim, na amplidão, como luzente arame  
De ouro, da Tarde ás mãos, suspenso no horisonte;  
Doce raio de luz depois da chuva! o dia  
D'elle, a terra espiando, em lagrymas sorria.

Toda a inculta extensão dos campos, pouco a pouco,  
Ia a enchente alagando. O que era um rio echôa,  
E é mar, e engrossa, e altêa, e ferve, e espuma, e rouco,  
Morde as margens, empóla, empina-se, acachôa,  
Bolha, brama, e, á feição de indomito cavallo,  
Roto o freio, lá vae, — salta de vallo em vallo;

Vôa, impellindo em furia o peso d'agua, ás matas,  
Que ora o vendo a raivar, tão fero e desabrido,  
Fallam:—«De onde é que vens que o manto, a uivar, desatas  
E ruges, tu que outr'ora, em somno azul dormido,  
Com as collinas á cerca, — escravas tuas — leve  
Beijava-as, de teu leito entre os lençoes de neve?!»

---

E a agua desce : as rechãs, as fertiles planuras  
Incha, faz apaúlar-se ; entre o raizame adunco  
Dos grossos vegetaes se infiltra, nas escuras  
Charnecas e marneis os lyrios sorve, o junco  
Dobra, arrasta, ao covil surprende a fera, ao ninho  
Baixo arranca os frouxeis e assusta o passarinho.

Embalado lá vae corrente abaixo agora  
Um tronco. Em vão luctou, rijo madeiro oppondo  
A' enxurrada brutal que, na evulsão sonora,  
Come ao rochedo os pés, o penhasco em redondo  
Cerca, fal-o pender, inclina-o mais, e, de ira  
Cheia, impelle-o, forceja, e monte abaixo o atira.

Sôa o valle. Da enchente a bocca informe avança ;  
Róe aqui já do campo os altos ; o arvoredó  
Ameaça, abarca, aperta ; esta ramada, a frança  
D'este arbusto alcançou, trepando do laspedó,  
E esfolhou-a, e bramiu ; mais alto sobe, e inunda,  
Torce-se toda, e bofa, e em fremito redunda.

Velha humilde choupana, onde estancara a sêde  
Viajor que um dia inteiro o sol queimara, — o seio  
Despovoado apresenta, ermo e soturno ; e, vêde:  
Lympha escassa que os pés lhe andou molhando, em meio  
Da varzea, ameaçadora agora ferve, e a vaga  
Arremessa-lhe á porta, e pouco a pouco a esmaga.

De seu tecto de colmo aburacado a pomba  
A aza abriu, demandando um céu melhor. Vacilla,  
Mal sostida, a parede, e se balança, e tomba,  
E esbrôa-se na queda a avermelhada argilla.  
Fica o esqueleto só, de pé, sinistramente,  
Combatido ainda assim da alluvião crescente.

E a agua desce: hora a hora, instante a instante, a serra  
Brot-a, brota-a o sapal, a estrada, a penedia  
Brot-a, brota-a a deveza, os borraçoes, a terra  
Toda; e avoluma a enchente, avulta, augmenta ; amplia  
O corpo, e immensa espraia em tudo, e se derrama,  
E tudo atrôa, e espuma, e ronca, e rugue, e brama.

Da assomada do monte olha-a o coqueiro, ao vento  
Dando os leques; o corvo altivolo, sorpreso,  
Olha-a de cima, do ar; o espaço, o firmamento  
Olha-se n'ella; o sol, por breve instante, o peso  
Das nuvens affastando, olhou-a ao fundo, e a umbella  
De ouro lá embaixo viu que se accendia n'ella.

Veio a noite, tambem, marchando, e, debruçada,  
Olhou-a do alto; olhou-a a estrella, do negrume  
Da amplidão repontando em transparente lume;  
Emquanto do Levante entre o vapor, á entrada  
Do céo, com o argenteo limbo, a lua enorme e estranha  
Espiaava, erguendo o rosto ácima da montanha.





# SONETOS





## I

### A GALERA DE CLEOPATRA

**R**io abaixo lá vae, de prôa ao sol do Egypto,  
A galera real. Cincoenta remos lestos  
Impellem-na. O verão faz rutilar, aos estos  
Da luz, de um céu de cobre o horisonte infinito.

Pesa, qual se de chumbo, o ar circumstante. Uns restos  
De templo ora se vêm, lembrando um velho rito ;  
E inda um pylono erguido, uma Sphinge em granito  
De empoeirada figura e taciturnos gestos.

De quando em quando á flor do Nilo se destaca,  
D'agua morna emergindo, a escama de um fakaka;  
Um branco ibis revôa entre os juncaes. Emtanto,

N'uma sorte de *naos* Cleopatra procura  
Su'alma distrahir, prestando ouvido ao canto  
Que a escrava Charmion tristemente murmura.



## II

### O LEITO DA ROMANA

AO DR. J. P. DE MAGALHÃES CASTRO

**P**ELO cedrino thalamo odorante  
O ostro phenicio, a purpura mais bella,  
Raros byssos de trama deslumbrante,  
Tudo palpita com a presença d'ella.

Trabalho argel de finas mãos, brilhante,  
Cahiu-lhe o peplo. O rosto se revéla...  
Romanos olhos sob a treva ondeante  
Da coma esparsa, que um luar estrélla.

Eri-lavradas tripodes custosas,  
Kam-klins, caçoulas, derramae no espaço  
Aloes, sandalo, myrrhas vaporosas.

Entrando o leito, em timido embarço,  
Ella a tunica abriu um pouco, e as rosas  
Mostra das pomas, levantando o braço.



### III

## MANTO REAL

**D**A flava Ceres falta-te ao cabello  
A côr que o seu dourava e os trigos doura ;  
Tens negra a trança e, deverei dizel-o ?  
Fica-te assim melhor, não sendo loura.

Crespa, enredada em serpes, tentadora,  
Cheiro-a, aspiro-a, febril e ardendo em zelo ;  
E ella em meus labios, qual se a Noite fôra,  
Da volupia infernal me imprime o sello.

Tóco-a, aperto-a, desato-a fio a fio,  
Estendo-a nos meus hombros, vello ondeante ;  
Tomo-lhe as pontas, o teu rosto espio :

E entre os claros da trama escura e bella,  
Creio, vendo-te a luz do olhar radiante,  
Ver a restia de fogo de uma estrella.



## IV

### A PONTE VERMELHA

**U**M passo além d'aquelle campo ha um velho  
Bosque: é de um lado a ponte. Entre as cantigas  
Da agua, o rio, debaixo, as grossas vigas  
Traz reflectidas no soturno espelho.

Arcos iguaes de solido apparelho,  
Curvos, como do tempo com as fadigas,  
Com a larga oval e as resistentes ligas  
Olhaes formam pintados de vermelho.

E a agua, á tarde, espumando em bolhas, toda  
Na luz tinta e na côr que tem por cima,  
A correr, a correr, fulgura e roda.

E a muda ponte espia ao longe, espia  
Quem vem, que cavalleiro se approxima  
Para transpôl-a no final do dia.



V

A JANELLA E O SOL

A ANTONIO NOGUEIRA

— « **D**EIXA-ME entrar,—dizia o sol — Suspende  
A cortina, soabre-te! Preciso  
O Iris tremulo ver que o Sonho accende  
Em seu dormido virginal sorriso.

Dá-me uma fresta só do Paraiso  
Vedado, se o ser n'elle inteiro offende...  
E eu, como o eunucho, extatico, indeciso,  
Vêr-lhe-hei o rosto que na sombra esplende. »

E, fechando-se mais, zelosa e firme,  
Respondia a janella : « Ah ! que estouvado !  
Eu deixar-te passar ! eu nescia abrir-me !

E essa que dorme, sol, que não diria  
Ao vêr-te o olhar por traz do cortinado,  
E ao vêr-se a um tempo desnudada e fria ? !— »



## VI

### FIM DE UM CONTO

A R. PORCIUNCULA

...**E** por alli nos fomos...—prosequia  
O ancião—Lucia, mais pallida do medo  
Da noite, as mãos tomando-me—em segredo,  
Baixo, uma prece, tremula dizia.

Alta era a serra, altissima ! sombria  
A scena a taes deshoras. O arvoredos  
Estava tacito, mudo, immoto, quedo . . . . .  
Nem uma aragem derredor se ouvia.

---

De repente, de subito, n'aquella  
Noite o ouvido me fere um som medonho. . . .  
Róla um corpo na escarpa : o vulto é d'ella !

Acompanha-me ainda esta saudade. . . .  
Dorme no abysmo o meu primeiro sonho . . .  
Dos outros não me lembro n'esta idade.



## VII

### MAZEPPA

**A'** anca brutal do tartaro cavallo,  
Vêde-o: lá vae na rapida corrida,  
A brusco solavanco e rude abalo,  
Pelos campos da Ukrania, a toda a brida.

Corre, vôa o corcel! não ha domal-o!  
E a campina, a floresta ennegrecida  
Cheia de lobos, e a corrente, e o vallo  
Corta e cruza na sanha enfurecida.

Quantos, como o polaco, arrebatados  
Leva o ginete audaz do pensamento  
A' suarenta garupa pendurados !

E em vão forcejam por soste com os braços,  
Entre o ar que assobia e o firmamento,  
O incansavel corcel de alados passos !



## VIII

### SOMBRA

Mulher, não te conheço !

G. CRESPO.

**V**ENS de um sepulchro, as cinzas remexendo,  
Os ossos que encontraste á mão reunindo;  
Fria, pallidamente fria, e enchendo  
De pranto o horror da morte averno e infindo.

E que sepulchro descoberto e horrendo  
E' esse ? Olho-o e conheço, a um tempo ouvindo  
N'elle os meus e os teus ais que em som tremendo  
Vão-se, ao modo dos lemures, carpindo.

Vens do passado, Sombra, e uivando choras . . .  
Seguem-te empós,— cadaveres medonhos,  
Meus dias mortos, lividas auroras.

Mas que me queres tu ? Se é fome impura  
Que inda te rõe, sacia-te nos sonhos  
Que levaste contigo á sepultura.



## IX

### TITANIA

A FRANCISCO SODRÉ

**T**ITANIA, ao lado o rei que os Elfos manda, assoma  
Na floresta encantada, á luz da lua.—« Abri-vos,  
Ramos verdes ! de flor de penetrante aroma,  
Móveis arcuaes festões, vendo-a passar, cobri-vos !

Em alas, troncos mil de viridente coma,  
Onde em fofo aranhol de abrocadados crivos  
Brilha o orvalho que a luz das finas pedras toma . . .  
Eis Titania ! de pé, meus validos captivos ! »

Tal a voz de Oberon vae proclamando, e em cheio  
Da trompa, que da cinta elle suspende e embócca,  
Esfusia, e desperta o grande bosque, em meio

Da noite; emquanto a lua enorme splende, e a gruta  
Longe as lettras do canto apaixonado avóca,  
Abre o ouvido de pedra, e attentamente escuta.



## X

### A' ENTRADA DO HYNVERNO

A ALEXANDRE GUIMARÃES

#### I

**A** barba espessa aos pés, molhada em neve,  
Cahida, e o manto ás costas, de neblinas,  
Alquebrado ancião, sobe as collinas  
O Hynverno, afuma o tempo, e o sol proscreeve.

« De onde veio tão cedo! ? » As pequeninas  
Flores e o céo vão perguntar em breve,  
Quando a encosta dobrar na volta leve  
Que o rio quebra, á curva das campinas.

« De qual tenda de gelo, em fins do pólo,  
Velho enfermo, acordaste, e ora te encostas  
Aqui e alli, com somno, a fronte ao cóllo ?

Anda, que é cedo ainda, á cama ! ao leito !»  
Mas surdo o Hynverno avança, o manto ás costas.  
E a espessa barba a lhe sobrar no peito.

**P**ois venha o Hynverno desflorando a entrada  
D'estes campos, e a neve aos serros monte ;  
Já me não dóe que em pouco abandonada  
Seja a planicie proxima defronte.

Erme-se o valle, esfolhe-se a ramada,  
Volveis nimbos parem no horisonte ;  
E d'entre a opaca cerração reponte  
Tibia pallida a luz da madrugada.

Chegaste, és minha, abraço-te . . . Lá fóra  
Que importa o Hynverno?.. esqueço-o, e vou cantando,  
Que a Primavera nos teus olhos mora ;

E ver-te é vêl-a que me vem trazida  
Por dous sóes, das mãos leves derramando  
A cornucopia de Achellous florida.



## XI

### GALATÉA

A S. SEBRÃO

**F**oi, rompendo o myrtal de verde manto,  
—Morria a tarde, além, tonitruosa,  
Boreas soprava — que uma voz maviosa  
Feriu-lhe o ouvido, em prolongado encanto.

Dizia a voz : — « O' deusa, ó cubiçosa  
Alva espadua do marmore mais sancto,  
Não seres minha ! . . . » E era mais doce o canto,  
Quando de prompto a Nympha, de amorosa,

Surge. E, com os labios grossos applicados  
A' frauta, um monstro vê cantando. Espreita...  
Foge... E ao fugir com os passos apressados :

« Ah ! que tão doce musica que escuto  
Não coubesse a uma bocca mais bem feita  
Que a bocca de um gigante horrendo e bruto ! »



## XII

### ULTIMA DEUSA

**F**ORAM-SE os deuses, foram-se, em verdade ;  
Mas das deusas alguma existe, alguma  
Que tem teu ar, a tua magestade,  
Teu porte e aspecto, que és tu mesma em summa.

Ao vêr-te com esse andar de divindade,  
Como cercada de invisível bruma,  
A gente á crença antiga se acostuma,  
E do Olympo se lembra com saudade.

De lá trouxeste o olhar sereno e garço,  
O alvo cóllo onde, em quedas de oiro tinto,  
Rutilo róla o teu cabelo esparso. . .

Pisas alheia terra . . . Essa tristeza,  
Que possues, é de estatua que ora extinto  
Sente o culto da fôrma e da beleza.



## XIII

### LENDO OS ANTIGOS

A ALBERTO FRANCO

**V**AMOS reler Theocrito, senhora,  
Ou, se lhe apraz, de Teos o citharedo ;  
Olhe a verdura aqui d'este arvoredado  
A' beira d'agua . . . E o sol que desce agora.

Lecio, o pastor, n'esta collina mora,  
Onde as cabras ordenha. Este silvedo  
Retem de Umbrano á frauta a voz sonora,  
Guarda este arbusto a Tityro o segredo.

Esta agua. . . Olhe, porém, como é tão pura  
Esta agua! O chão de nitidas areias  
Plano, igualado, limpido fulgura ;

E a onda é tão clara que, entreabrindo o louro  
Cabello, em grupo as tremulas sereias  
Vêm-se lá em baixo n'este fundo de ouro.



## XIV

### PARAISO VEDADO

**G**UARDA-LHE a porta á camara esquisita  
Um anjo ; e, se ella dorme, esse anjo espreita  
Em roda, e ao punho o alfange de ouro estreita ;  
E, se ella treme, o alfange de ouro agita.

Não ha transpor essa mansão bemdita !  
Pés profanos lá dentro quem suspeita ?  
Véla a guarda, de pé ; na mão direita  
Arde o ferro luzente que exercita.

Em paz, desejo meu, que ardente estuas!  
De seus limpidos pés o arminho brando  
Nem te é dado roçar com as azas tuas!

Olha-a apenas da porta . . . e a sombra escassa  
D'essa arma inveja, fulgurante, quando  
Mobil projecta-a, e ella em seu rosto passa.



## XV

### A ESTATUA

A GENERINO DOS SANTOS

Ás mãos o escopro, olhando o marmor: « Quero  
—O estatuário disse—uma por uma  
As perfeições que têm as fôrmas de Hero  
Talhar em pedra, que o ideal resuma. »

E rasga o Paros. Em divino esmero  
Eis se arredonda a fronte em nivea espuma ;  
Eis resalta o nariz de um talho austero ;  
Alça-se o cóllo, o seio se avoluma ;

Alargam-se as espaduas ; veia a veia  
Mostram-se os braços . . . Cede a pedra ainda  
A um golpe : e o vento <sup>re</sup>nitido se arquêa.

A curva, emfim, das pernas se accentua . . .  
E eil-a acabada a estatua, heroica e linda,  
Cópia divina da belleza nua.



## XVI

### A' ENTRADA DA PRIMAVERA

**V**EM de onde estás ! C'roaram-se as collinas,  
Como noivas do sol, do sol com os lumes ;  
Ah ! com as chuvas de ha pouco nem presumes  
Que verdes que se alisam as campinas.

Revestem-se os outeiros de boninas,  
Como outr'ora de acantho o altar dos Numes ;  
Flóreas caçoulas partem-se em perfumes ;  
Já vão fugindo as ultimas neblinas.

**E' um toro verde o chão do valle. Ao brando  
Mover da aragem dobram-se as palmeiras,  
Como ancillas, os leques agitando.**

**Vem de onde estás, que em tudo vejo aqui  
Teu nome escripto, e as aves que primeiras  
Voaram já estão a perguntar por ti.**



## XVII

### ENTRE AS ARVORES

**D**A assombrada alameda entre os dispostos  
Em ordem grupos de arvores passamos.  
Ella tinha nos meus seus olhos postos...  
Soava no espaço a musica dos ramos.

Eu... com que doce voz que nos fallamos!  
Com vêl-a abria mão de ruins desgostos;  
Da espessura entre os flóridos recamos  
Coava-se a luz, batendo em nossos rostos.

Ella, quando mais proxima do lago  
Que ha alli, com um cysne á flor, me disse, ao vél-o. . .  
O echo da sua voz no ouvido affago.

Havia, no ar, do sol a immensa magua ;  
E no lago a estampar-se o seu cabelo  
Era um sol a afundar-se dentro d'agua.



## XVIII

### VOX RERUM

A ANASTACIO VIANNA

**P**OR toda a noite, inquietas despertando  
Da lua ao beijo de ouro illuminado,  
No alto paramo azul, de lado a lado,  
Andaram as estrelas perguntando:

— «Que ha na Terra, lá embaixo?... Um tom maguado  
Vem as esferas mysticas entrando...  
Trina que voz? que deus de enamorado  
Vae da harpa curva os echos derramando?»

Ingenuos astros ! digam de uma em uma  
As ondas do oceano, a face calma  
Diga dos lagos, diga a flor, a espuma,

Diga o rochedo, a folha, a ventania,  
E as palmeiras, abrindo palma a palma,  
D'onde e por quem aquella voz se ouvia.



XIX

DE VOLTA DO CIRCO

A A. DUARTE

**S**CSIMA ao triclinio a bella que da Achaia  
Veio á lucta assistir de homens e feras,  
E como traz do olhar no céo, que esmaia,  
Outro céo, outro sol, outras esphas.

Que ha porque triste seja a loira Agglaiá ?  
Córados vinhos golfam das crateras,  
Luzem taças no ar, e a mesa espraia  
Rubro mar de licor e festões de heras.

Embalde ! embalde purpuras cantando  
Tinintes copas cruzam-se festivas . . .  
Pensa Agglaia em Leucippo : a arena entrando

.

Como era bello ! os braços nus, pendente  
A espada, o pique posto ás mãos argivas . . .  
Era o sol dos athletas do Oriente !



XX

AO LUAR DE VERONA

AO DR. HENRIQUE BAPTISTA

I

**D**ESCEU da escada o marmore polido  
Porque, emfim, minha voz de medo a medo  
Chamava-a, como um passaro perdido  
Outro chama da sombra do arvored.

Da lua de ouro o disco humedecido  
Se empinava no céo. Tristonho e quedo  
Era tudo em redor ; sómente ouvido  
Fazia-se das auras o segredo.

Veio. Assustada, pallida, distante  
Olhou-me e estremeceu, talvez no instante  
Em que eu tambem de longe estremezia.

E, ah! se um canto entre as ramas que oçillavam  
Então se ouviu, não era a cotovia...  
Eram dous corações que se apertavam.

Entrara. Ainda supponho a portinhola  
Ouvir nos quicios rapida impellida  
Fechar-se. E nada mais ! Da humedecida  
Noite o aroma balsamico se evola.

Da casa o mudo aspecto me consola :  
Muda como eu, parede a prumo erguida,  
Como eu, sem conto estrellas, dolorida,  
Estás a revêr de um céo que as desenrola.

Largas janellas, peitoris altivos,  
Columnatas da açótea alevantada,  
Como eu, quedaes lá em cima pensativos.

Porta onde ella passou, que m'a encobriste,  
Tambem tu, qual me vês, estás fechada,  
E immota, e muda, e solitaria, e triste !



## XXI

### PUBESCENCIA

Entre-aberto botão, entre-fechada rosa,  
Um pouco de menina e um pouco de mulher.

MACHADO DE ASSIS.

**H**A pouco, d'entre a suspendida arcada  
Do modesto jardim, que a luz vigora,  
Estava a rir e a cantar, desentrançada  
A coma entregue aos halitos da aurora.

Vêde-a agora, porém: não canta agora,  
Não ri. Da leira de jasmims plantada  
A censura partiu que a traz mudada?  
Quem a aza de ouro lhe empecceu n'um'hora?

Scisma, sósinha está melhor scismando ;  
Olhos demissos, que um desejo estrélla,  
Quando falla é com medo e titubando...

Nunca tanto carmim rosou-lhe a face...  
Como que o sol desperta dentro d'ella,  
E aquelle sangue é o da manhã que nasce.



XXII

N O X

**C**HOVE, embrusca-se o tempo, e quando ao frio  
Fuzil, trovão, nos concavos ribombas  
Do céu, vejo passar, como n'um rio  
Nadantes monstros, nuvens de ereas trombas.

Só d'esta alcova, carcere sombrio,  
Onde entre morte e amor, minh'alma, tombas,  
Meu ser, meu coração, meus ais lhe envio,  
Por céu de bronze solitarias pombas.

---

Não vê-la, e o tempo ver, que mais redobra  
Sombra e noite que envolve a natureza,  
Plena d'agua, de horror, de medo e espanto !

Abro a janella : e a escuridão que sopra  
Das cousas, me enche o peito de tristeza,  
E, em fina chuva, os olhos meus de pranto.



## XXIII

### POBRE MÃE!

A C. COELHO

**O**LHOS fitos na altura,— enquanto morre  
A tarde, enquanto á flor do firmamento  
Correm as nuvens,— como as nuvens, corre  
Até junto de Deus teu pensamento.

Ao filho enfermo, n'esse atroz momento,  
Pedes que elle soccorra; e enquanto escorre  
O pranto, da oração no exaltamento,  
Mãe sublime, suppões que elle o soccorre.

Mas um grito de subito no centro  
Ouves do coração presago. Anciando  
Entras em casa. O filho está lá dentro

Morto, e ao beijal-o lhe ouves inda, ó louca!  
De teu nome saudoso o rumor brando  
Das derradeiras syllabas na bocca.



## XXIV

### SÓ

**T**AL como douda garça, aos mares ! Uma véla !  
Uma véla ! e é partir. Affronta o horror das vagas  
Negras se a noite as monta e as incha o vento, ás pragas,  
E ao rechino e estridor do raio e da procella.

Nem todo o equoreo abysmo, entre as equoreas fragas  
Ruindo, urrante e estouraz, com a espuma á fauce e aquella  
Luz dos ruivos fuzis como serpentes n'ella,  
Póde o inferno igualar que em teu silencio esmagas.

---

Rompe, atira-te ao pégo, a escuridão profaça  
De a vences no horror que no teu peito engrossas ;  
Talha os ventos, o oceano, as ondas sulca, e passa...

Talvez longe, entre o sol de estranho clima, ao fundo  
Do horisonte, ha um deserto em que dormir tu possas,  
Sem o incommodo olhar dos homens e do mundo.



XXV

VASO GREGO

A' EXMA. SRA. D. CLARINDA P. DE LIMA

**E**STA de aureos relevos, trabalhada  
De divas mãos, brilhante copa, um dia  
Já de servir aos deuses agastada,  
Vinda do Olympo, a um novo deus servia.

Era o poeta de Teos que a suspendia  
Então, e ora repleta ora esvasada  
A taça amiga aos dedos seus tinia,  
Toda de roxas petalas colmada.

Depois . . . Mas o lavor da taça admira,  
Toca-a, e do ouvido approximando-a, ás bordas  
Finas has de lhe ouvir, suave e doce,

Ignota voz, qual se da antiga lyra  
Fosse a encantada musica das cordas,  
Qual se essa voz de Anachreonte fosse.



## XXVI

### VASO CHINEZ

A' EXMA. SRA. D. AGLAE P. DE LIMA

**E**STRANHO mimo aquelle vaso! Vi-o,  
Casualmente, uma vez, de um perfumado  
Contador sobre o marmor luzidio,  
Entre um leque e o começo de um bordado.

Fino artista chinéz, enamorado,  
N'elle puzera o coração doentio  
Em rubras flores de um subtil lavrado,  
Na tinta ardente de um calor sombrio.

Mas, talvez por contraste á desventura,  
Lá se achava de um velho mandarin,  
Posta em relevo, a singular figura ;

Que arte em pintal-a ! a gente acaso vendo-a,  
Sentia um bem estar com aquelle chim  
De olhos cortados em feição de amendoa.



## XXVII

### SYRINX

A JOÃO RIBEIRO

I

**P**AN não era por certo um deus tão lindo  
Que merecesse Nympha como aquella ;  
Fez mal em perseguil-a, e bem fez ella  
Pedir a um colmo encantamento infindo.

Só de vêl-o as Oréadas, sorrindo,  
— E d'estas uma só não foi tão bella  
Como Syrinx,— armadas de cautela,  
Prompto aos myrtaes botavam-se, fugindo.

E, pois, por tal cornipede devia  
Gastar as ascuas de amoroso incendio ?  
Não ! — E, a influxo das Nayades, um dia,

Perseguida do deus, o movediço  
Ladon procura, estende o corpo, estende-o...  
E eil-a mudada em tremulo canniço.

Que se imagine como o deus ficara  
Quando, crendo estreitar a Nympha esperta  
Que lhe fugia, apenas uma vara  
Delgada e fina contra o peito aperta.

Vendo-o em tal illusão, que assim lhe armara  
Amor, da opposta margem descoberta,  
Um risinho de escarneo, que o desperta,  
Tiniu do rio na corrente clara.

Então, da planta virginal, no assomo  
Da raiva, o caule fino o deus vergando,  
Parte-o em varias porções, de gommo em gommo.

Taes partes junta ; e, em musica linguagem,  
Com os pastores no canto concertando,  
Põe-se a soprar no cálamo selvagem.

III

Da agreste canna á módula toada,  
Da Arcadia pelos ingremes outeiros  
Vinham descendo, em lepida manada,  
Lestos, saltões, os Satyros ligeiros.

E a flebil voz da fruta, soluçada  
De ternuras, soava entre os olmeiros ;  
Já nas grutas as Nayades em cada  
Sôpro os echos lhe escutam derradeiros.

Hamadryadas louras palpitando  
Estão no liber das arvores ; donosas  
Napéas saltam do olivedo, em bando.

E prêsa á fruta a Nympha que a origina,  
Syrinx pura, as notas suspirosas  
Derrama d'alma á vibração divina.



## XXVIII

### DÉA

A A. MENDES

QUANDO ella entrou, com um gesto de rainha,  
Pallida e bella, altiva e desdenhosa,  
Quedou-se em torno a sala rumorosa,  
Tão nobre aspecto a divindade tinha.

Quem era essa mulher esplendurosa  
Que a luz do raio e a luz do sol continha?  
Falla, interroga a multidão anciosa . . .  
Ninguem soube jámais de onde ella vinha.

E inda depois que a apparição divina  
Sumiu-se, no clarão que atraz deixara  
Queimam-se as almas em que amor domina;

E em vago sonho inquieto e prolongado  
Revêm todos a fôrma aerea e clara  
E a immensa luz d'aquelle vulto amado.



## XXIX

### O EBRIO

A SOARES DE SOUZA JUNIOR

**E**BRIO, cambaleando, á monotona giga  
D'agua que vê saltar na praia aos ventos, anda,  
Contam—desde que o sol o extremo céu demanda,  
Um louco enviando ao mar uma rude cantiga.

Pisa a areia, resvala, aos tombos vae, desanda,  
Cae, pragueja. . . afinal descança, de fadiga  
Dorme. A bocca no vacuo um termo vão mastiga.  
Sobre elle a noite o orvalho, á tenue luz, ciranda.

Então, bufando o mar em concavos reços,   
 Dos buidos pés lamber-lhe as plantas vem, no entono   
 Da vaga. Emquanto a lua ao longe aponta e, em molhos

De prata, abrindo a luz, desce do eburneo throno,   
 E, pousando na praia, os avinhados olhos   
 Beija ao ebrio, e, de pé, vê-l'o a roncar no somno.



XXX

EMFIM!

**E**MFIM . . . Nas verdes pendulas ramadas  
Cantae, passaros! vinde ouvil-o! rosas,  
Abri-vos! lyrios, rescendei! medrosas  
Violetas e dhalias rodozadas

Prestae-me ouvido! Saibam-n'ó as cheirosas  
Balsas e as leiras flóridas plantadas;  
Aves e flores, flores e alvoradas,  
Alvoradas e estrellas luminosas

Saibam-n'ó agora ! os céos, a esfera toda  
Saibam-n'ó agora ! Emfim, sua mão de leve . . .  
Borboletas, que pressa ! andaes-me em roda !

Auras, silencio ! Emfim, sua mãozinha,  
Sua mão de jaspe, sua mão de neve,  
Sua alva mão pude apertar na minha !



## XXXI

### MORTOS PARA SEMPRE

Só meu amor quizera permittido.

A. DE SOUZA DE MACEDO—*Ulyssippe.*

#### I

**E**STAVA a pensar ha pouco que ella vinha,  
Como dissera ; e, entrando em casa, ao braço  
Do marido,—na escada, entre embaraço,  
Deu-me, estendendo-a, a tremula mãozinha.

Com as mais pessôas distrahiu-se, a linha  
Do horisonte ora vendo, ora o terraço . . .  
E eu suppunha, a lhe ouvir os sons do passo,  
Rehaver o tempo em que a julgava minha.

O quarto mesmo, onde medito e estudo,  
Quiz visitar ; depois, á despedida,  
Não teve uma só lagryma no adeus !

Foi-se. Abro o cofre da passada vida :  
O mesmo é o seu retrato, e vejo em tudo  
Seu nome escripto e os juramentos seus !

Tal supuz, e ella quiz que se cumprisse,  
Mas com a emenda de um mal que não tem cura . . .  
Sim, no olhar o notei, talvez que o ouvisse  
No riso mesmo e em sua voz tão pura.

Chegou . . . Longe d'aquella creatura  
Que a punge e odeia, a antiga meninice  
Redourava-lhe o rosto, e a formosura  
Mais esplendia de seu todo. E disse . . .

Disse com os olhos humidos, da falla  
Com as tremuras, com o gesto doloroso,  
Disse tudo... E ao notar que estremecia

Todo o meu corpo em tremito nervoso,  
Prudente e honesta, um dedo ao labio : — « Cala !  
Cala ! » — Tambem a estremecer dizia.

III

Como uma sombra eterna que a Piedade  
Afigure, em meu quarto a imagem d'ella  
Ficou, dos zelos a infernal procella  
Domando com a divina magestade.

Avulta, cresce e me captiva aquella  
Sombra, e acaso me ouvindo a tempestade  
Latente, com a ternura e com a bondade  
Serena-a como uma serena estrella.

E' razão que eu me curve, e sonho a sonho  
Os ares cerre, em que fundei no vento  
Vário um templo ideal que ora desaba. . .

Ouve, minh'alma, o estrépito medonho. . .  
Ouve, e treme de ouvil-o, pensamento!  
E' teu mundo de amor que cedo acaba.

Que me quer esta lagryma ?... Chorei-as  
Todas, e esta ficou-me... atraz, querida!  
Volta e extingue-te em mim com a extincta vida...  
Já suas mãos não tens de finas veias!

Ella tambem, ó lagryma sentida !  
Teve de pranto as palpebras tão cheias  
Como de um lyrio, em meio das areias,  
A urna de orvalhos, de manhã pendida.

Mortos p'ra sempre !... Lagryma, seccaram  
Tuas irmãs ! com ellas desaparece,  
E te apaga como ellas se apagaram !

Olha : á face que amei se eu te levasse  
N'um beijo extremo e te espalhado houvesse,  
Tu gelaras... tão fria é sua face !

v

Mortos p'ra sempre !... Cala-te, e padece,  
Coração ! ella o quiz : padece, e cala...  
Ella que honesta e pura te apparece,  
E, um dedo ao labio, eternamente falla !

Como inda em vida arremessado á valla,  
Que a dor no esquecimento te arremesse ;  
E seja a tua derradeira prece  
Teu respeito em servil-a e em veneral-a.

Ella tambem, que a dor que te amortalha  
A ambos colhe com o golpe, cae ferida  
E o rosto a quentes lagrymas orvalha...

Mortos p'ra sempre !... O' sombra ! ó escuridade !  
Só, de teu seio, escutarei sem vida  
O rouxinol da ultima saudade.

VI

Mortos p'ra sempre !... Branca, inanimada,  
Tu cosida á mortalha escura e fria,  
Inda no alvor de teu primeiro dia !  
Eu — com vêr-te tão cedo amortalhada !

Mortos p'ra sempre !... Um' hora de alvorada,  
Um minuto de céu quem nos diria  
Foi nosso amor n'essa manhã sombria,  
De receiosas lagrymas banhada !

Mortos, mortos p'ra sempre !... E has de em teu leito  
T'remer, cuidando pela noite afóra  
Que um phantasma te aperta contra o peito...

E contra o peito, só, no meu jazigo,  
Tu'alma pura eu tomarei, se um'hora  
Posso na morte adormecer contigo.



## XXXII

### SAUDADE DO EDEN

A LEANDRO MALTHUS

**E**NTRE dous montes — o do Occaso, tinto  
Da côr viva do murice, brilhante,  
E de rosas cingido o do Levante—  
O Eden ficava, o nosso, valle extincto.

N'elle, ás mãos uma Flora deslumbrante  
Verde enredava estranho labyrintho ;  
E o val sorria ao sol, torcendo o cinto  
De aguas de prata pelo corpo, ondeante.

Alli voavam os passaros mais raros,  
Catasolados, purpuros... abriam  
Alvas de nacar sob os céos mais claros ;

E as horas breves da ventura, quando  
Alli estavas, mais longas me sorriam,  
O ouro das azas pelo chão deixando.



### XXXIII

#### BEIJANDO-A

**N**AQUELLA bocca melindrosa e pura,  
— Taça antiga finissima, lavrada,  
Sorvo a ambrosia aos deuses consagrada,  
Do soma indiano os estos da ventura.

Em cada beijo que lhe tomo, em cada  
Sôpro ha a lasciva calida loucura  
Que, ébria, douda, convulsa, hallucinada,  
Nos lautos brodios bacchicos murmúra.

De amplos concavos cantharos divinos  
Cuido ver o falerno que espadana . . .  
Loiram cerames rutilos mitimnos;

Rebrama a orgia,— e ao lubrico alarido,  
Heroínas e heróes, em grita insana,  
Brindam ao deus de Sémele nascido.



## XXXIV

### PERSPECTIVA

A A. C. DE OLIVEIRA VIANNA

**V**ê como a Natureza é grande e bella !  
Olha aquelle apinhado de collinas,  
E o sol que desce, e está do céu na téla  
Como um borrão de tintas purpurinas.

Olha estes ares limpidos ! aquella  
Planicie ondeante, liquidas campinas ;  
E já no Oriente esta primeira estrella . . .  
E estas furando o espaço repentinas !

Olha aquellas aquatiles gaivotas  
Que d'aza arrancam na marinha bruma;  
Archipelagos longe . . . ilhas remotas . . .

E a Noite agora, enchendo os horisontes,  
Olha—as nuvens lá desce de uma em uma,  
Tropeçando no pincaro dos montes.



## XXXV

### EMENTARIO

#### FRAGMENTOS

Perdut'hò quel, che ritrovar non spero  
Dal Borea all'Austro, o dal mar Indo al Mauro.

PETRARCA.

#### I

AUSTERO e frio entrara no aposento  
O medico:— « E' preciso o seu cabelo  
Cortem. »— Dissera. E eu vi,—nem sei dizêl-o!  
Cahir-lhe a trança n'esse atroz momento.

Agora mais faminto, mais violento  
Crescia o mal. Da morte o escuro selló  
Já sobre a fronte lhe notava, e ao vêl-o,  
Dor a dor me estalava o pensamento.

O olhar prêso no meu, no ethereo fundo  
De seu olhar um anjo me acenava,  
Como a dizer:— «Já basta d'este mundo! »

· Com um sorriso no labio, ella morria . . .  
E o anjo lá estava: em seu olhar, me olhava,  
Vinha-lhe á bocca: em seu sorrir, sorria.

O' minha Laura, quem do livro aberto  
Em que liamos ambos, os amados  
Olhos teus apartou, para fechados  
Serem no somno de uma noite, incerto !?

Quem d'entre os niveos dedos delicados  
Em que o trazias, lendo-o de mim perto,  
O poema arrancou que eu vi coberto  
De tantos soes que tinha, imaginados ?!

Doce leitura ! negra pausa infinda . . .  
Como que por feitiço ainda hoje eu creio  
Ver aberto esse livro e lê-lo ainda ;

E em cada folha em que meus olhos ponho  
Palpita o nosso amor com o mesmo aneio,  
E as nossas illusões com o mesmo sonho.

Disse ao poeta a Saudade: « Ao mundo ascende  
Dos soes, por lá, das azas minhas, vêl-a . . . »  
E o poeta subiu de estrella a estrella,  
Subiu. Chamou debalde. Alonga, estende

Os olhos... O ar sómente apalpa. Emprende  
Maior passo. Mais sobe. Em luz mais bella  
Arde o espaço. Mais sobe. E em toda aquella  
Altura apenas o silencio o entende.

Como a infinita serra,— a grito e grito,  
Olhando acima e atraz, trepa o infinito...  
Estende a mão, procura... estende a mão,

Procura... estende a mão, procura... E lucha  
Debalde, e falla, mas sómente escuta  
O rolar das estrellas na amplidão.

IV

Por ventura uma vez acaso ouviste,  
A' noite, a voz das velhas cartas, quando  
Papeis antigos remexendo e olhando,  
No recesso dos intimos boliste ?.

Eu conheço essa voz, sei que ella existe.  
De amadas lettras desbotado bando  
Tenho ouvido fallar, se vou pensando,  
Vendo-as á luz, apaixonado e triste.

D'aqui rompe do irmão que se desvéla  
O conselho; entre mostras de piedade  
N'esta linha ha uma lagryma; n'aquella

De amigo ausente ainda a expressão conforta;  
N'esta—arrasam-se os olhos de saudade—  
Vejo as lettras finaes da amante morta.

Vês com as arcadas negras suspendida  
No ar esta ponte immensa,—o céu de um lado,  
A terra do outro, e o espaço illimitado?  
Seu nome queres tu ? chama-lhe Vida.

Vê como horrenda é toda, e alta e comprida !  
Põe medo... — E onde termina ? — Onde acabado  
E' tudo e novamente começado:  
No mysterio, na treva indefinida...

—E esses vultos, além, que a estão subindo ?  
—Sombras são .— E esse uivar medonho, e grito ?  
—Dores.— E acima é o céu que está fulgindo ?

—E' o céu — E para em salvo atravessar  
Essa ponte e ir lá ter que necessito ?  
—De amar, de amar, de eternamente amar.

VI

Teus olhos, flor, vêm-me lembrar o encanto  
De outros olhos, porém de luz mais bella,  
E tanto que cegava, e tanto, tanto  
Que eu mais julgava-a a luz de alguma estrella.

Tudo n'elles havia e estava quanto  
No lume ethereo e vivo se revéla,  
Tão fundos que do céu se via o manto  
Cem leguas através dos olhos d'ella.

Anjos por elles doidejantes iam  
N'uma accesa espiral, e sons frequentes  
De azas rufadas rapidas se ouviam...

Nuvens brancas, estrelas de oiro fino,  
Luares de prata, raios transparentes  
Tudo boiava n'esse olhar divino.



## XXXVI

### UNICA

**E**STÁS a ler o meu livro, e é bem que exprimas  
Certo pezar. Nem uma vez, nem uma  
O teu nome estas paginas perfuma!  
E outros ha ahi por titulos e rimas.

« Quem são essas que vêm de estranhos climas,  
De idades mortas, da salgada espuma  
Do mar, da Grecia além, do sonho em summa,  
Que mais que a mim tens celebrado e estimas? »

Dirás. E o livro, se meu ser trasladada,  
Se o fiz de modo tal que me traduza,  
Contas dará de quanto em si contem ;

Saberá responder que és sempre amada,  
Que n'elle estás, pois foste a sua Musa,  
E essas mulheres só de ti provêm.



# SEGUNDOS POEMAS



A

AFFONSO CELSO JUNIOR

# OLHOS DOIRADOS

I

Ces yeux ! ces larges, ces brillantes,  
ces divines prunelles !...

EDGAR POE.—*Ligeia.*



**O**s versos que ora trabalho,  
Trabalho-os por teu olhar :  
És o sol de que me valho  
P'ra os doirar.

Sostêns o heliconio sceptro  
Mais com os olhos que com a mão ;  
N'elles, pois, se inspire o metro  
Da canção.

Loiras imagens,—pequenas  
Abelhas da idéa, voae !  
Com os vitreos pés das Camenas  
Me rodeae !

Quero uma c'róa das flores  
Mais lindas,— real, porém ;  
São dous os imperadores,  
Vêde bem !

Têm pleno dominio em tudo,  
E, assim como um Pharaó,  
Vestem-se de ostro e velludo  
E ouro só.

Eia, canção, o diadema  
D'esses monarchas gentis !  
Merecem mais do que a estemina  
Das Huris!

Merecem o Paraiso  
Radiante dos musulmãos,  
E o ramo de heliocriso  
Dos pagãos !

Para cantal-os é força  
Que do estro a bocca febril,  
Aleando a idéa, se torça  
N'um anafil.

Que eu tenha á mão, porque a fira,  
Phormynx ou cythara. A mim  
Do aedo hellenico a lyra  
De marfim !

Que os mais os trombões insuflem  
Do poema. Não quero tal,  
Mas lestas rimas que ruflem  
A aza ideal.

— Exiguos clarins do verso,  
Que n'ellas, aliveloz,  
Em metro escandido e terso  
Cante a voz.

Sobre a canção que componho,  
Loiras imagens, pousae !  
E, como os anjos de um sonho,  
Me rodeae !

As rimas se cubram do ouro  
Dos olhos teus, porque, enfim,  
Ha n'elles mais que o thesouro  
De Aladin.

Sim, que riqueza! que raro  
Escrinio contêm, mulher !  
Ai ! d'elles se os visse o *Avaro*  
De Molière !

Entrae por tanta opulencia,  
Meus versos ! n'esse esplendor  
Louvae, não a Providencia,  
Mas o Amor !

Vamos, saudemos a dona  
Dos olhos de ouro. Canção,  
Vôa, e depois te abandona  
Em sua mão.

Direi a luz que semêas  
Em minha noite, pharol !  
E as joias de que te arrêas,  
Como um sol !

Dos olhos teus os queixumes  
Direi, a ternura e o bem,  
E mesmo os vagos perfumes  
Que elles têm.

Que cada estrophe traduza  
Tudo o que encerram á flux  
E interno. Esvoace a Musa  
Em sua luz.

---

Que os versos que ora trabalho,  
Trabalho-os por teu olhar :  
És o sol de que me valho  
P'ra os doirar.





MACHADO DE ASSIS

# AS TRES FORMIGAS

II

**Allons ! la belle nuit d'été...**

**A. DE MUSSET.**



**M**ovendo os pés côr de brasa,  
Foram as tres, com cautela,  
Subindo o muro da casa  
De D. Estella.

— Arriba! diz a primeira.  
— Mais devagar... diz com siso  
Segunda. Diz a terceira:  
— Sei onde piso.

Noite fechada, propicia  
A' idéa, ao plano que as leva...  
Nem de uma brisa a caricia!  
Silencio e treva!

De prompto um grillo de um canto:  
— Onde ides, minhas amigas?  
E um calefrio, de espanto,  
Nas tres formigas.

Ah!... Mas, sereno e encantado,  
Um rosto assoma á janella :  
O rosto puro e adorado  
De D. Estella !

Tri... tri... rufia as azas, geme  
O grillo. E pernalta aranha  
Na trama de ouro. em que treme,  
Quasi o apanha.

E agora se atemorizam  
As tres. E' tudo embaraços !  
E a cal sómente que pisam  
Lhes ouve os passos.

E uma após outra se encaram  
Tremendo ; ora hesitam, ora  
Conversam baixinho, param  
Por mais de uma hora.

Subito o muro fracassa  
Trovão de vidros, que as géla...  
Descêra a brusco a vidraça  
De D. Estella.

— Melhor é voltarmos, logo  
Uma aconselha, em segredo ;  
Outra abre os olhos de fogo,  
E é toda medo.

Terceira chora, encolhida :  
— Tão alto ! já estou cansada !  
Meu Deus, com certeza a vida  
Não vale nada.

Mas sobem, que é necessario  
Subir. Jesus, o bemquisto,  
Subiu tambem seu calvario,  
E era o Christo !

— Janella, emfim ! n'um alento  
Exclama a que mais anhela  
Primcira ser no aposento  
De D. Estella.

— Por esta frincha . . . — Por esta . . .  
— Melhor . . . — Entremos. — Avante !  
E uma olha, analysa a fresta,  
E rompe adeante.

Seguem-n'a as duas. Estreito  
E' o trilho. Vão. Tal n'um berro  
Vae por um tunnel direito  
Um trem de ferro.

Eil-as estão da outra banda,  
Na alcova. Tudo, de em roda,  
Miram, á lampada branda,  
Da alcova toda.

E vêm, por entre os adornos  
De um leito elegante, a bella  
Fronte, o perfil, os contornos  
De D. Estella.

Azul celeste, á parede  
Sobre o papel que a reveste...  
E é toda a camara, vêde :  
Azul celeste.

Tenda de neve—a cortina ;  
Dous bustos, um ramilhete  
Além ; descalça botina  
Sobre o tapete.

---

N'um quadro de luzidio  
Ebano, um vulto guerreiro :  
Perfil severo e sombrio  
De cavalheiro

De Hespanha ; olhar atrevido,  
Espada á cinta, e escarcella...  
— E' com certeza o marido  
De D. Estella.

E o espelho... como scintilla !  
Parece de um lago a nua  
Face que leve se anila  
Com a luz da lua.

No toucador como esparsa  
Ha tanta cousa ! um diadema,  
Alvas pennugens de garça...  
Todo um poema !

E um vaso com a mais festiva  
Das rosas ! — Meu Deus, acaso  
Ha rosa tambem que viva  
Dentro de um vaso ? !

E eil-as, á flor já se atiram  
As tres formigas... Ai! d'ella,  
A flor, que os labios vestiram  
De D. Estella !

Descem o muro. Profundo  
Silencio. Tudo parece  
A miniatura de um mundo  
Que se amortece.

Sobem os moveis. No tecto  
Nem sombra de aza perdida  
Do mais pequenino insecto...  
Tudo sem vida !

Chegam á rosa. Que altivo  
Seio encarnado ! Que encanto  
Nesse encarnado lascivo  
Que tem no manto !

E uma se adeanta animosa,  
Mais esta, após, mais aquella...  
Ai! rosa, querida rosa  
De D. Estella !

---

Correm-lhe as petalas. Uma  
Desce-lhe ao póllen que toma,  
Da bocca aos pés se perfuma  
Com seu aroma.

Enchem-se de ouro, que é de ouro  
Su'alma. Sedas desatam  
Que a prendem. Vida, thesouro,  
Tudo arrebata.

Tudo revolvem, por tudo  
Passam, n'um tremulo gyro,  
Com seus trophéos de velludo  
Que lembra o tyro.

E vão a fugir, com o geito  
Do que em roubar se desvóla...  
Mas nisto estremece o leito  
De D. Estella.

E' dia. A dona da alcova  
Já está de pé: e, anciosa,  
Porque mau sonho remova,  
Vae ver a rosa.

Toma-a do vaso ás mãozinhas ;  
Mas, ao beijal-a, a senhora  
Descobre as tres formiguinhas,  
E sopra-as fóra.

— Ah ! que tufão repentino !  
As tres, no ar, na anciedade  
Da queda, exclamam sem tino . . .  
— Que tempestade !

Longe, bem longe, erradias,  
Cahiram. Nem se mexeram  
De espanto quasi dous dias . . .  
Depois morreram.

Eis das formigas o caso.  
A rosa... falle por ella  
Outra que é nova no vaso  
De D. Estella.



^

URBANO DUARTE

# MARMORE

III

1  
2  
0  
Ex



**D**EIXA-ME extravagagar, serena estatua.

E's minha.

O esculptor te depoz nos braços meus, rainha  
De marmor ; quando um dia o Paros trabalhava,  
Eu no lavor da pedra o seu cinzel guiava.  
Eu era o sonho, eu era a idéa, elle esculpia  
O que eu d'alma arrancava, o muito que eu sentia  
De amor, de lucta e febre e de estos de loucura  
E paixão. Fêz-se a estatua. Em finissima alvura  
O seio ergueu-se, o cóllo, a fronte, o rosto. E eu, mudo  
E extatico osculei-lhe a fronte, o cóllo, tudo !

A estatua é minha! a estatua entre os meus braços prendo!  
Beijo-a, aqueço-a com o bafo, as palpebras lhe accendo  
Com a luz do olhar; ao peito as veias rasgo, as veias  
Minhas, cedo o meu sangue ás suas, e eil-as cheias!  
E ella vive! ella anceia e treme! ella palpita!  
Move os olhos de pedra! a mão levanta! agita  
O corpo! e acorda! e vê-me... E ao vêr-me, oh! desventura!  
Eil-a pedra outra vez inabalavel, dura!  
Eil-a estatua outra vez silenciosa, fria!

Insano extravagar! insana phantasia!



# A UM POETA

IV

**Oh ! pasmo ! oh ! portento ! oh ! nunca visto caso !**

**A. DINIZ.**



**C**ONTA um Hymno pagão que certa vez o errante  
Polyonimo deus, o ephebo louro, o amado  
Das Evias,— Baccho, á extrema  
Estando de um promontorio, o manto desdobrado  
Ao hombro, o thyrsos á mão, e á testa a parra ondeante  
Posta a modo de estemma ;

Foi do Tyrrheno mar por uns piratas prompto  
Arrebatado. O mar a embarcação ligeira  
Corta. Bojada a véla  
Vae com o vento. E atraz fica a luminosa esteira,  
A agua fica a espumar ; e, entre os raios sem conto,  
O sol faiscando n'ella.

E aos d'aquella companha, olhando-os, um pirata  
Diz : « E' um filho de rei, por certo, este menino ;  
Eia, ao largo rememos !  
Da Asia aos harens vendido, é força, é seu destino,  
Será, e o ouro que der e as perolas e a prata  
Juntos repartiremos. »

Mas de subito o deus, que os ouve, encantamento  
Lança em tudo, e os perturba. O grande mastro a prumo  
E' um tronco ; anda enlaçada  
A hera n'elle. Um dragão lá vóa em cima. O rumo  
Perde a nau. Se emmaranha a douda véla ao vento,  
E é vinha empampanada.

São bacellos que em flor das mãos dos remadores  
Rebentam, como ao sol, os remos. Scintillantes  
Racimos já palpitam . . .  
Zumbem, como no Hymetto, as abellas. Brilhantes,  
Tintos bagos no ar de pavonaças cores  
Apinhados se agitam.

---

E da quilha da nau, como em convivio estranho,  
Jorra o vinho no mar. São vinho as aguas. Toda  
Face é purpura. As vagas  
Têm do licor de Chypre os roseos tons ; em roda  
Vinho fervem em flor, e vão de banho em banho,  
Corar longe outras plagas.

E um leão apparece e rugue horrendamente  
A' popa; e, aberta a fauce immane, immensa e ruda,  
Um urso. E a cordoalha  
Ringe e torce-se toda e silva e se transmuda  
Em hydras ; e, derredor á boquiaberta gente  
Do alto roja e se espalha.

Depois vegeta o mar, é todo verde. Estensa  
Nava, campos sem fim distendem-se ondulando . . .  
E de arvores frondosas  
A' sombra vêm-se agora as ovelhas pastando . . .  
E a espuma, que era vinho, erra ao vento, suspensa,  
Em petalas de rosas.

Poeta, és como esse heróe, cujo prodigio narra  
O Hymno Homérico. A' voz de tua musa um mundo  
Novo surge, amanhece  
Outro sol; e da vida o immenso mar profundo,  
Como aos olhos do deus que o myrto cinge e a parra,  
Verde e ameno apparece.

Anjos, sombras, visões, que em tua mente ideas  
D'alli rompem : d'alli, como ás antigas aras,  
Aos antigos altares,  
A bacchica phalange avança e canta, e as claras  
Fórmias nuas mostrando, ao passo das choreas,  
Louros dão-te aos milhares.



ANDRÉ RANGEL

# CANÇÃO DAS LAGRYMAS

V

16





COMO o excesso de um rio,  
Que se espraia e derrama:  
Amor, em quem confio,  
Do coração que nunca está vasio  
Fóra em agua sobeja e em fogo, em chamma.

Sou como o campo em hora  
De enchente: Amor me alaga,  
E teu nome, Senhora,  
Senhora minha, Amor que te namora  
Está dizendo, a brincar de vaga em vaga.

Olha-me os olhos, fita  
A agua d'elles, que escorre;  
Amor os move e agita,  
Uma lagryma cae, outra palpita,  
Esta grita, esta canta, aquella morre.

Amor todas creado  
Tem-m'as n'alma, Senhora ;  
Estilla-as meu cuidado,  
E do lago de lagrymas formado  
Algumas sopra pelos olhos fóra.

Escrevi que me havia  
Como o campo na enchente :  
A enchente, todavia,  
Se se entorna no campo é sempre fria,  
E a de Amor que me lava é fria e ardente.

Ardente,—é que encarcero  
Desejo que me mata ;  
E sendo quanto quero  
Impossivel, me augmenta o desespero  
De querêl-o com o ardor que me arreбата.

Assim, de meu desejo  
O imperecivel fogo,  
Nas lagrymas sobejo,  
D'entre as lagrymas sae quando te vejo ;  
E eis agua e chamma n'um continuo jogo.

E tão continuo e em tanto  
Movimento, Senhora,  
Que a vista minha, emquanto  
Dura o jogo, se accende de meu pranto,  
Qual de raios e lagrymas a aurora.

Tal Amor por castigo  
Aos olhos me tem posto ;  
E o mais que usa commigo,  
Se o não diz de olhos meus, não sei se o digo  
Se contigo me vejo rosto a rosto.

Aguas, chammas, tu queiras  
Senhora, é tudo extincto :  
Sécca um beijo as primeiras,  
Um sorriso me apaga as derradeiras,  
Me apagando o calor que com ellas sinto.

Amor nem mais te pede . . .  
Urge ! que dor mais alta :  
Morrer de frio e sêde  
Quando fogo se tem que a vista impede,  
E agua tanta que fóra aos olhos salta ! . . .



CAPISTRANO DE ABREU

# OS AMORES DA ESTRELLA

Fragmento do

SABIO INGLEZ

VI





**M**AGUADA, Musa, o olhar desconsolado,  
Vens d'esse canto esteril de poesia,  
Por mim forçosamente perpetrado.

N'elle a fimbria do céu não viste ; a fria  
Sciencia, o frio estudo, o amado aspecto  
D'alva accendendo as purpuras do dia,

Roubou-te ! E emquanto em peregrino affecto,  
A ave cantava, o mar, o espaço, a terra,  
Tu forjavas scientifico terceto.

Maguada Musa, as palpebras descerra  
Um pouco e a luz do sol sedenta bebe,  
Longe do Sabio, longe da Inglaterra.

Meiga, em teu collo agora me recebe,  
E, da aurea lyra as cordas afinando,  
Trava-a e suspende-a nos teus braços de Hebe :

Pois que o leitor, piedoso, descansando  
Aqui, de já prostrado, te consente  
Diversa cantes, e, a cantar, o bando

Ora das aves sigas, mollemente,  
Ora das soltas borboletas, ora  
Das flechas de ouro do carcaz do Oriente.

E enquanto, Musa, a vista se demora  
N'esta manhã e em feria estás, enquanto  
Punge os frisões, no ethereo carro, a Aurora,

Conta, o metro escandindo á voz do canto,  
Como a estrella de prata, a immaculada  
Estrella d'alva, a perola do manto

Celeste, á rosea luz da madrugada,  
Na immensa altura estremeceu nervosa,  
Como candida noiva despertada .

Já, sob o pallio azul, a tenebrosa  
Noite as estrellas nitidas e bellas  
Prendera ao seio, como mãi piedosa.

---

De umas as brancas lucidas capellas,  
De outras o manto, as chlamydes de linho,  
Viam-se á luz da lua. Estas e aquellas,

Todas no lacteo sideral caminho  
Dormiam, como um bando alvinitente  
De aves, á sombra, entre os frouxeis de um ninho.

Vesper, porém, chorava: ella sómente  
De pé, scismando, o niveo olhar, mais niveo  
Que a prata, abria na amplidão dormente.

Mirava todo o célico declivio,  
Como buscando alguém que desejava,  
Qual se deseja alguém que é doce allivio.

Só, no espaço desperta, como a escrava  
Romana, ao pé do leito da senhora  
Velando á noite, a misera velava.

Um deus de fórmias válidas adora :  
São seus cabellos ouro puro, o peito  
Veste a armadura de crystal da aurora.

Quando elle sae das purpuras do leito,  
O arco na mão, parece de diamantes  
E rosados rubins seu rosto feito.

Dera por vêl-o agora as scintillantes  
Lagrymas todas, limpido thesouro,  
Que tem nas longas palpebras brilhantes...

Mas sôa de repente um grande côro  
Pelas cavas abobadas... e logo  
Assoma ao longe um capacete de ouro.

O deus ouviu-lhe o supplicante rogo,  
Eil-o que vem! seu plaustro os ares corta...  
Ouve o relincho aos seus corceis de fogo...

Já do rôxo Levante abriu-se a porta...  
E ao vêr-lhe o vulto e as chammadas da armadura,  
Fria, tremula, muda, e quasi morta,

Vesper desmaia na infinita altura.

^

J. DE MORAES SILVA

# HISTORIA DE UM CORAÇÃO

VII

Coração humano, emfim...

A. VIEIRA — *Sermões*.



I

**D**IZENDO irei de um coração que errara  
O caminho na estensa e aborrecida  
Viagem d'esta vida.

E foi que o rumo das Paixões tomara,  
Cego de si, sem ver outro caminho,  
O misero e mesquinho.

Meio mundo correu como um faminto,  
Sem contento. Dos Vícios como um cego  
Alagou-se no pego.

Em vez do nectar puro, o amargo absintho  
A illusão muita vez, que o tem por preza,  
Lhe escancêa na mesa.

Como uma grande aranha de ouro, o Engano  
Lhe urde a teia e prepara. A cada passo  
Topa um novo embaraço.

Cruza a estrada do Mal de damno em damno ;  
Treme, tropeça, cae . . . não chora, emtanto,  
Não chora : não tem pranto.

Endurou-se com as pedras ; é insensível  
Assim. Do amor a derradeira flamma  
Já não tem. Já não ama.

Já não sente. E lá vae na senda horrivel,  
Não com a vida, mas cuida a cada instante  
Ir achal-a adiante.

## I I

E adiante segue. A vida, emtanto, passa  
Por elle, e a desconhece. Ora é uma aldeia,  
Ora é a cidade ; e a Natureza e os rios

Largos, e o mar, cujo horisonte abraça  
Embalde a vista, e o sol que sobre a areia  
Darda, ou penetra os palmeiræes sombrios;

E a ave, e a sombra das flóridas ramagens,  
E o bosque, e os ventos, e o bufido, o berro  
Da fera, atroando as solidões selvagens...

Tudo por elle passa em vão, não vibra!  
Não sente! E' como lamina de ferro:  
Traz o oxydo negro em cada fibra.

## III

Gasto assim, houve um dia  
Em que esse pobre coração, viajando,  
Foi ter á estranha região sombria.

Não sabia dês quando,  
Nem d'onde aquelle sitio conhecia,  
E foi-l'ò indifferente interrogando.

Qualquer cousa lhe dava  
Comtudo idéa do lugar tristonho  
Em que ora em passo mal seguro entrava ;

Sim d'esse ermo medonho  
Bem ao intimo acaso lhe fallava  
Dubia noticia ou desmanchado sonho . . .

E o sitio, escura pluma  
Dada a pavores descrever pudera  
Sómente,— aquellas arvores na bruma

Chorando, aquella esfera  
Turva de nuvens, em que vez nenhuma  
Abre o quente esplendor da primavera.

## IV

Foi por alli comsigo extravagando  
O coração ; e, quando na espessura,  
Vio que, os ramos sem folhas agitando,

Estava uma arvore annosa e pensativa  
A olhal-o em frente ; a secular figura  
Remechia-se toda horrenda e viva.

E logo ao longe a espuma, que em mortalha  
Velava o rio, se espedaça e d'este  
A agua repreza ha seculos se espalha.

E uma onda falla : — « Amigo, a que distancia  
Estavas, que hoje sómente atraz volveste  
Ao rio azul da sonora infancia ? »

Caminha, emtanto, indifferente e frio  
O coração, que o mundo e humano tracto  
Traz ouco e torpe e inanido e vasio.

Tudo que ouve em redor de accento a accento  
Échos são que o não ferem, tanto o ingrato  
Pôz aldrabas no ouvido ao sentimento.

Comtudo, estando ao cabo extremo d'essa  
Região, notou com certo pasmo que ella  
Se ia fazendo mais tristonha e espessa.

Cala em tudo ar de morte, e com o sonoro  
Vento, uns cyprestes dão por toda aquella  
Parte um comprido e dilatado choro.

v

Deteve-se. O mysterio  
Inquire. E' todo susto.  
Em torno o cemiterio

Olha, interroga, pasma . . .  
Eis que de cada arbusto  
Acena-lhe um phantasma.

— Olha ! esta amada estancia  
Pisa mais leve . . . Attende !  
As cinzas sou da infancia !

— Olha ! na escuridade  
Eu bróto, flor que pende,  
Eu, ultima saudade !

— Estás a pisar em cima  
D'aquella que deixaste  
E que inda te ama e estima!...

— Pára, coração triste!  
Porque me abandonaste  
E a meu amor fugiste!

— Eu sou o amor piedoso,  
A mãe eu sou divina;  
Meu rosto doloroso

De lagrymas encheste.  
Anda, ajoelha-te, inclina,  
E abraça-me o cypreste.

## VI

Aqui não pôde mais de dolorido  
O coração; cahiu por terra, ao passo  
Que exclamava de lagrymas unguido:

« Morto ao mundo me vejo, mas que importa,  
Se enfim vos acha e beijo e vos abraço,  
Restos queridos de uma idade morta ! »



•

^

**JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO**

**A AGONIA DO HEROE**

**VIII**

O atro veneno da frecha forçosamente devia matar Hercules, depois de haver atravessado a ferida mortal do Centauro. E' o que penso.

SOPHOCLES.



Doces tangeres, sons de frautas noite e dia  
 Se ouvem. Concita o povo ás luctas, á alegria  
 Vinho estreme, ao tinir dos kilix crystallinos.  
 Evoó! Peian! de Heracle o nome altiva os hymnos.  
 Tudo é festa, rumor...

Muda, entretanto, afflicta,  
 Absorta, absorto o olhar, longe dos mais medita  
 Dejanira. A razão lhe assalta e céga e ensombra  
 Como improviso horror, atra improvisa sombra.  
 Interno, obscuro mal traça-a, castiga-a, ignoto;  
 Quiz fugil-o, não pôde. Ensaia a prece, o voto...  
 Mal balbutiu-lhe a bocca o voto, a prece... Ancêa  
 Ora, e soluça e treme, ora a inflammada têa  
 Sente o Ciume brandir lhe afogando a mente,  
 E olhos vira infernaes cheios de um lume ardente.  
 O euge em vão, o echo em vão, em vão de fóra a festa  
 Popular lhe feriu ruidosa o ouvido. Infesta  
 A' alma que assim lhe jaz torva, abafada, occulta,  
 Livre, em ludos, em folga a alma do povo exulta.  
 Só, porque soffra só, portas a dentro no ermo  
 Aposento encerrou-se, e ao peito enfermo o enfermo  
 Coração praz-lhe ouvir precípite...—secreta  
 Magua se lhe embebeu, como acravada setta,  
 Na roxa carne; pulsa, e do intimo, ferido,  
 Sae-lhe, envolto com o sangue, um subito gemido...

—A causa ahí está do mal, palpa-a, conhece-a : é ella,  
 Outra não, a formosa além das mais, a bella  
 Escrava, —recem-colhida, entre os de Echalia ingloria  
 Rotos muros, flor pura e premio da victoria.

Vira a misera entrar seus regios paços, —preza  
 Alta do herculeo braço — Iola, gentil princeza,  
 Filha de Eubéa, irmã de Iphytus, appollinia  
 Prole, e a alma inscia então nem visos de ignominia  
 Crêra da amada parte. Eis repentino arauto  
 Chega, e na incauta voz tudo revéla incauto:  
 Iola é amante do Heroe . . .

Surdo ao principio, interno

Fere-a o Ciume. Esforçou. Áquella parte o Inferno  
 Sopra, áquella remette, as unhas vibra ; agita,  
 Rompe, lacera tudo, e uiva, e soluça, e grita.  
 Longo na noite o olhar de lagrymas, o seio  
 De gemidos, a sós, teve arquejante e cheio  
 A Rainha. Afinal, quando na estrada antiga  
 Do céo Phebus surgiu com a alipede quadriga,  
 E os cerros da Thessalia eoa luz purpurea  
 C'roava, estreceu-se em parte ao zelo infando a furia.

Philtro a curas de amor lembra que á derradeira  
 Hora Nessus lhe dera, um dia, da certa

Frecha heraclea prostrado em meio ao largo Evenno.  
Nem suppoz que o dragão passara-lhe veneno  
N'esse amavio que era um sangue negro, o sangue  
Que da aberta ferida, estrebuxante, exangue,  
Vertera o monstro, — sangue horrível, que em mistura,  
Pois n'elle se embebêra a frecha hervada e dura,  
Tinha o toxico vil da hydra de Lerna, immensa.

Guardara-o. Prompta vae busca-l-o. Sem detença,  
A Amor, que vê fugir-lhe e outrem procura, ignara  
Applica-o. Bronzeo cofre abre; formosa e clara  
Tunica d'elle ás mãos toma, distende-a, e em cima  
Deita-lhe o immundo cruor que de vermelho a anima.  
Do coalho peçonhento abeberada a trama,  
Trata a veste enviar. Lichas, o arauto, chama:  
— « Lichas, n'um prompto, já, sem mais demora, a toda  
Brida, ou já n'um frisão ou já sobre enea roda  
Rapido vôa, e em mãos põe de Hercules valente  
Este mimo... » — Partiu precipitadamente  
O arauto.

Reserena o espirito da joven  
Rainha. Em brando fio as lagrymas que chovem  
De seus olhos, estão, por sobre a face e o niveo  
Seio, d'alma enarrando o desafogo e allivio...  
Infeliz, desafogo e allivio passageiros!

Em breve, a todo o dar das redeas, mensageiros  
Rasgarão a planície, e hão de em crescente espanto  
Contar-te o duro caso ! Espedaçado o manto,  
Hyllo verás em breve, Hyllo que se consome,  
De impia mãe profaçar-te e renegar teu nome ;  
Emquanto em roucos sons, rouco ulular, ferozes  
Roucos gritos sem fim coalham de estranhas vozes  
O ar e abalado treme o Olympo excelso, treme  
A Terra, o echo se endouda, o Eta nas fragas geme :  
E, hirto o cabello, o olhar torvo expedindo assombros,  
Erriçadas as mãos rasgando a carne aos hombros,  
Roto, iracundo, atroz, rudo, medonho, horrivel,  
O alto, o inclyto Heroe, o intrepido, o invencivel,  
A quem se humilha o Averno e Tanatos não doma,  
Longe, rugindo ameaça e coleras, assoma.

## II

Lá vem Hercules ! ouve : é a alma do Heroe thebano  
Que se queixa . Ouve mais : este gemente Oceano  
Que se espraia no ar e a teus ouvidos chega,  
Parte do homem melhor que houve na patria grega,  
Vem do exterminador de monstros, do inimigo  
Dos maos, do protector, do prompto amparo e abrigo

Dos fracos,— do amoroso espirito que um dia  
Desce a buscar Theseo na região sombria  
De Hadés,— do compassivo, em quem do mar lançado  
Morto á praia, uma vez, Icaro abandonado  
Achou mão que lhe erguesse um tumulo ; do bravo  
Que os Centauros estrue ; do bom que odeia o pravo,  
Do util que a Peste, o Roubo e os Crimes extermina,  
E a arte emfim de ser grande e de ser forte ensina .

Lá vem Hercules ! Ouve : a Grecia inteira passa  
Nestes gritos de dor, geme a um só tempo a raça  
Dos valentes, o povo a que elle as ferropeias  
Tanta vez sacudiu, quebrando-lhe as cadeias.  
Do alto Olympo ás rechãs mais baixas, da montanha  
Onde se deita o sol á agua que inunda e banha  
A planicie, onde o corpo as Nayades a meio  
Mostram, mal resguardando o alabastrino seio :  
Tudo é pranto, e acompanha esse clamor dorido  
Que do cabo cenêo baixou de ha muito e o ouvido  
Rasga aos valles . . . Agora eil-o mais perto sôa !  
Como em torno de Creta, emquanto aqui revôa  
E aos pios foge a alcyon, longe com o vento a rastros  
Quasi que vão, sostenendo o doudo linho, os mastros,—  
Sóbe o mar e, altivado, os ceos tocando, de onda  
Em onda, cae com um retumbo e horrendamente estronda :

Assim, bravo e ululante, o peito assoberbado  
De ira, prorompe o Heroe n'um formidando brado.  
—« Deuses !—minaz o aspeito e horrivel no ameaço,  
Deuses !— bramiu convulso e brande a clava, o braço  
Hirto— Deuses, pagaes-me assim por toda a parte  
Servir-vos, levantando altares que dess'arte  
Fallem de vós !. . . Que premio a taes serviços, Divos  
Ingratos ! ? . . .»— E afferrada aos hombros convulsivos  
A tunica infernal sentindo que lhe apúa  
A alma : « Inliço foi teu, perversidade é tua,  
Não de outrem, Dejanira, este, o mais alto, o extremo  
Dos supplicios ! vê tu como me estorço e gemo !. . .  
Que ancia, que interno horror, dentro no mais secreto  
Da carne, em prol do Inferno este veneno abjecto  
Poz-me, que o sangue meu colerico o rebate  
Dá do assalto a raivar, e ás temporas me bate !. . .  
Onde, em que dente vil de hydra do Erebo houveste,  
Em que serpe ou dragão de rotas fauces este  
Virus que assim me endouda e sorve e me devora  
A alma ? !. Que Erynnia averna em negro instante de hora  
Negra mandaste ás mãos tramar a veste odienta  
Que me bebe a existencia ? ! Ah ! recrudesce, augmenta  
O supplicio ! Ora é como um jorro de sulphurea  
Lava a ferver-me dentro, a enviperar-me a furia. . .  
Hyllo. . . »

Não disse mais. A lingua secca immota  
 Jaz-lhe, corusca emtanto o olhar scentelha ignota.  
 Hyllo, gentes em roda amparam-n'õ. Em macia  
 Cama o deitam, que alli trouxeram. A agonia  
 Volta, o virus mortal, pondo-o da dor no equuleo,  
 Carne a dentro accordou, vibra, revibra o aculeo  
 Penetrante. A razão se enturva ao bravo, a vista  
 Se lhe abre em raios . . .

. . . « Hyllo— o filho amado avista —

Hyllo, á vontade minha, á ultima vontade  
 Forçoso é obedecer. Do Eta, que a divindade  
 De Zeus occupa, ascende ao pincaro ; fogueira  
 Structa de orno e carvalho e ramos de oliveira  
 Ergue, atêa-lhê fogo, e em carne alli sem pena  
 Deixa-me arder . . . »

Repugna ao filho amado a scena  
 Triste que se lhe antolha e tragica, escutando  
 Taes palavras, mas cede, o pae o ordena, e o mando  
 Estremo cumpre-se . . .

O sol n'um circulo sangrento  
 Descendêra de ha muito ; entiendo o firmamento,  
 Derramara se a Noite. E á Noite o adormecido  
 Echo de quando em quando apenas um gemido  
 Longo vinha quebrar da parte em que o horisonte  
 Com o altivo antemural fecha o sagrado monte.

Subito, áquella banda o ar se illumina, estranha  
Luz se abriu, scintillando, ás cimas da montanha ;  
Fracá ao principio, agora augmenta, sóbe, ascende  
Em linguas de ouro, e ao céu fúmea columna prende . . .  
E' a fogueira. Crepita, arde, fulgura em torno  
Rogal chamma, esbrazêa em fulvas ascuas o orno  
Rijo, o rijo carvalho ; e do votado aos Numes  
Holocausto, ora á carne os rispídos acumes  
Domando, traz de si deixando a Terra e humana  
Vida, á vida eternal dos deuses soberana  
Voando na viva luz com que atravessa a treva,

Do Eta á gloria do Olympo a alma do Heroe se eleva.







## INDICE

---

### Primeiros Poemas

I	A arvore.....	9
II	A lagarta.....	21
III	A borboleta azul.....	31
IV	O anachoreta.....	45
V	Horas de ouro.....	49
VI	Noite de chuva.....	55
VII	Per tenebras.....	63
VIII	A Cruz da montanha.....	75
IX	Vertumno.....	85
X	A enchente.....	93

### Sonetos

1	A galera de Cleopatra.....	103
II	O leito da romana.....	105
III	Manto real.....	107
IV	A ponte vermelha.....	109
V	A janella e o sol.....	111
VI	Fim de um conto.....	113

VII	Mazeppa .....	115
VIII	Sombra .....	117
IX	Titania .....	119
X	A' entrada do hynverno :	
	I .....	121
	II.....	123
XI	Galatéa .....	125
XII	Ultima deusa .....	127
XIII	Lendo os antigos.....	129
XIV	Paraiso vedado .....	131
XV	A estatua .....	133
XVI	A' entrada da Primavera.....	135
XVII	Entre as arvores .....	137
XVIII	Vox rerum .....	139
XIX	De volta do circo.....	141
XX	Ao luar de Verona :	
	I .....	143
	II .....	145
XXI	Pubescencia.....	147
XXII	Nox .....	149
XXIII	Pobre Mãe !.....	151
XXIV	Só .....	153
XXV	Vaso grego.....	155
XXVI	Vaso chinéz .....	157
XXVII	Syrinx :	
	I .....	159
	II .....	161
	III .....	163
XXVIII	Déa.....	165
XXIX	O ébrio.....	167
XXX	Emfim !.....	169

<b>XXXI</b>	<b>Mortos para sempre :</b>	
	I .....	171
	II .....	173
	III .....	175
	IV .....	177
	V ..	179
	VI .....	181
<b>XXXII</b>	<b>Saudade do Eden.....</b>	<b>183</b>
<b>XXXIII</b>	<b>Beijando-a.....</b>	<b>185</b>
<b>XXXIV</b>	<b>Perspectiva.....</b>	<b>187</b>
<b>XXXV</b>	<b>Ementario :</b>	
	I .....	189
	II .....	191
	III .....	193
	IV .....	195
	V .....	197
	VI .....	199
<b>XXXVI</b>	<b>Unica.....</b>	<b>201</b>

### Segundos poemas

I	Olhos doirados .....	205
II	As tres formigas. ....	213
III	Marmore .....	223
IV	A um Poeta.....	227
V	Canção das lagrymas.....	233
VI	Os amores da estrella.....	239
VII	Historia de um coração.....	245
VIII	A agonia do Heroe.....	255

## ERRATA

A' pagina 134, onde está — vento nitido — lêa-se  
— ventre nitido —.

Este é o principal erro de revisão; os demais não prejudi-  
cam o entendimento dos versos.

## OBRAS DO AUCTOR

CANÇÕES ROMANTICAS (1878) <i>Gazeta de Noticias</i> —Editora—Edição esgotada.....	1 vol.
MERIDIONAES (1884) com uma INTRODUÇÃO de Machado de Assis— <i>Gazeta de Noticias</i> — Editora.....	1 vol.

### EM LABORAÇÃO

NOVOS POEMAS.....	1 vol.
O SABIO INGLEZ—Poema.....	1 vol.

ULTIMOU-SE A IMPRESSÃO  
NOS  
PRELOS DAS OFFICINAS TYPOGRAPHICAS DE  
**MOREIRA MAXIMINO & C.**

em 28 de Novembro.



**RIO DE JANEIRO**

*111, 113—Rua da Quitanda—111, 113*

**1885.**



R.  
Ex. x x x

U.C. BERKELEY LIBRARIES



C096045783

